

Tragédia anunciada

A dimensão e a forma como foram privatizados e retalhados para obras os espaços na parte exterior do estádio, podem ter sido o prenúncio da tragédia que ocorreu no final do jogo entre o 1º de Agosto e TP Mazembe.

p. 31



Viaturas mal estacionadas

Automobilistas estacionam os veículos nas principais vias do município, como na Rua do Mundo Verde, Avenida Samora Machel e na Rua do MAT, onde a remoção de viaturas era feita com alguma regularidade. A fiscalização da antiga Comissão Administrativa rebocava as viaturas e, para recuperá-las, os automobilistas pagavam até 85 mil kwanzas.



p. 06-07

LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

1 de Outubro de 2018 • Ano 1 • Número 34 •

Publicação quinzenal, à segunda-feira

Preço: 100Kz

RISCO PERMANENTE

Fascinados por profissões perigosas

Diz-se que todas as profissões têm os seus benefícios e malefícios. Mas, com certeza, haverá ofícios em que os seus executores estão muito mais expostos a factores negativos, ao ponto de se admitir que as suas vidas estejam permanentemente em risco. É o caso dos navegantes aéreos, pára-quedistas e mergulhadores.



p. 24-25

AFOGAMENTOS

BANHISTAS ACUSADOS DE DESRESPEITAR ORIENTAÇÕES

As praias não autorizadas possuem bandeiras vermelhas. Já as autorizadas exibem bandeiras verdes. A bandeira amarela chama a atenção para a possibilidade de ocorrer um acidente na água e a bandeira xadrezada assinala a ausência de nadadores-salvadores.

p. 3

MERCADO DAS MULHERES

PREÇOS ACESSÍVEIS ATRAEM CLIENTES

Localizado no bairro da Mabor, Distrito Urbano do Hoji ya Henda, o mercado é, para a maioria das clientes, em especial na época de crise que o país atravessa, uma das melhores soluções para vestir bem e comprar produtos de qualidade à baixo custo.

p. 10-11

ACUSADO DE TRÁFICO DE DROGAS

Autor de "Kakinhento" em prisão domiciliar

Fernando Luca da Silva "Robertinho" encontra-se a cumprir prisão domiciliária. O cantor estava detido desde Maio passado, na prisão de São Paulo, em Luanda, por suposto envolvimento em tráfico de drogas. A luz da Lei/25 de 18 de

Setembro, sobre medidas cautelares em processo penal, Robertinho está proibido de sair da sua residência até julgamento. O músico Robertinho continua a negar seu envolvimento no caso de tráfico de drogas.

p. 19



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

INOCÊNCIA Músico nega o crime

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

VENDA INFORMAL ORGANIZADA

O Governo Provincial de Luanda (GPL) pretende regulamentar a actividade comercial informal com a atribuição de documentos administrativos aos vendedores ambulantes. O comércio informal, que cresce todos os dias, é desenvolvido em locais inapropriados. As passagens pedonais, vias de caminho-de-ferro e, inclusive, as bermas das ruas e estradas colhem a preferência dos vendedores ambulantes, em clara afronta à Lei e ao civismo.

A prática, que muitas vezes origina as "pracinhas", invadiu a privacidade de muitas famílias em Luanda. Avisos para conter a sua progressão nunca faltaram. Aqui mesmo, neste espaço, sempre fomos apologistas da necessidade de regulamentar esta actividade. Pensamos, por isso, ser salutar a medida anunciada no recente Conselho Provincial de Auscultação da Comunidade, que visa desincentivar a venda ambulante em locais inadequados. Em outras palavras, o organismo propôs a reorganização da venda ambulante com base na Lei 12/11 das Transgressões Administrativas e na Lei 01/07 da Actividade Comercial.

Diante disto, a venda de carnes na via pública passará a ser combatida com maior rigor. A lista inclui produtos farmacêuticos, insecticidas, pesticidas e electromésticos.

Entretanto, pensamos nós, a medida só poderá ter sucesso com a realização de um amplo trabalho pedagógico, envolvendo várias instituições do Estado, tal como foi dito no encontro, para alertar sobre os riscos para a saúde derivados do comércio e consumo de produtos sem controlo sanitário.

"Sempre fomos apologistas da necessidade de se reorganizar esta actividade"

Luandando



ROSALINA MATETA
Editora

FLAGRANTES IGNORADOS PELO GPL

Que Luanda foi tomada por vendedores de rua e consequentemente mercados de rua, todos os cidadãos já sabem, inclusive as autoridades. Apenas tardam medidas contundentes para travar este comércio desenfreado. Na corrida pelo lucro, nem as zonas mais selectas escapam. A evidência disto é a Baixa de Luanda. Neste comércio de rua, vende-se toda a espécie de produtos. No caso das refeições (pequenos almoços e almoços), são confeccionadas mesmo nos locais onde são comercializadas, isto é, nas ruas.

Não há lugar nem autoridade que trave a intenção de quem queira fazer um negócio destes. Não importa se as vendas são feitas em edifícios abandonados, residências, becos ou nos passeios. Expostos ou escondidos, os comerciantes de rua sentem-se protegidos pelo deixo andar das autoridades e, em alguns casos, por elementos ligados, directa ou indirectamente, aos órgãos que deviam fiscalizar, autuar e punir.

A justificar o sentimento de impunidade, permanece intacta uma barraca de "comes e bebes" no muro do cemitério do Alto das Cruzes, meses depois de termos chamado à atenção da governação de Luanda para este tipo de negócio que se misturou com o das flores. Isto para não voltar a falar da "feira de alimentação" em que se transformou a antiga cervejaria Biker.

Há ainda o caso de uma senhora que vende quitetas na rua Cónego Manuel das Neves e que recebe tratamento "vip" dos guardas de dois bancos situados depois da igreja de S. Paulo. Ao negócio daquela mulher não há fiscal que atrapalhe. Quando a fiscalização do município do Sambizanga resolve fazer algumas "manobras de diversão", dando corrida aos "ambulantes" que insistem em vender de tudo um pouco nos passeios, a referida mulher nem se mexe. Permanece lá serena.

O segredo daquela vendedora está em garantir pão com quitetas aos elementos da segurança dos bancos, contam os seus clientes. Por lhes "matar" a fome, eles afrontam os fiscais para defendê-la. Os representantes da administração local também cedem a este comportamento. Não se sabe ao certo a troca de quê.

Entre o nó de convivências, neste e noutros casos, ficam os peões sem os passeios para andar, sujeitando-se a caminhar pelas bermas da estradas, arriscando-se a ser atropelados, por certo, por um "candongueiro", uma vez que parte da rua Cónego Manuel das Neves foi tomada pelos condutores dos "azuis e branco" que ali instalaram o caos com plena anuência dos polícias de trânsito que actuam na zona. Para estas e outras situações, o desgoverno é de pasmar. A cidade de Luanda restará receber toda imundice e doenças que a generalidade deste comércio anárquico venha a causar, ante a passividade e fragilidade do Governo da Província de Luanda (GPL) em tomar medidas para combater flagrantes que configuram contravenções.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Lugar perfeito

CIDADÃO ALIVIA O CALOR

Num dia de bastante sol, em pleno meio dia, enquanto uns aproveitavam as sombras das árvores ou bebiam água fresca para aliviar o calor, um cidadão encontrou o lugar perfeito para arrefecer o

corpo.

Em plena Avenida Ho Chi Minh colocou-se a frente do ventilador do AC do prédio Comandante Gika para aliviar-se do stressante calor do meio dia. O "arrojo do dia" foi captado pelo o repórter fotográfico do *Luanda, Jornal Metropolitano*.

A palavra ao leitor



Prostituição no Zango 3

A prostituição no bairro Zango 3 tornou-se um negócio nas ruas da Ferrari e Ilha Seca, e na famosa rua da Sagres. É vergonhoso ver as nossas "irmãs" adolescentes a entregarem os seus corpos por troca de míseros kwanzas. Várias residências transformaram-se em esplanadas, onde a música alta toca quase todos os dias, durante 24 horas, sob o olhar silencioso da Polícia Nacional, que nada tem feito para pôr fim à poluição sonora que tem tirado o sono aos pobres trabalhadores que aqui vivem. Fico triste por saber que esta promiscuidade acontece à luz do dia, com cenas de sexo nos carros e rouletes aos olhos da Polícia, que nada faz para reverter a situação.

António Samba

Zango 3

Ordem Pública e um motorista de táxi. O policial mandou parar o carro, mas não sendo agente regulador de trânsito o automobilista recusou-se a parar. O agente da Ordem Pública pôs-se em frente da viatura, causando pânico aos passageiros que estavam na viatura. Um agente da Polícia deve ser um exemplo para o cidadão e não uma ameaça. Felizmente, foi chamado à razão pelos seus colegas e o pior não aconteceu. Constatamos que o agente estava embriagado.

Madalena Zumba

Avenida Deolinda Rodrigues

Confrontos entre Polícia e zungueiras

É cada vez pior ver e ouvir a troca de palavras entre zungueiras, fiscais e agentes da Ordem Pública. Na semana passada, um agente da Polícia foi agredido por um grupo de quitandeiras, por proibi-las de vender em locais impróprios. O infeliz agente apanhou bofetadas em resposta os maus tratados que causou as zungueiras. Os agentes ao serviço do Estado devem estar melhor preparados para lidar, de forma civilizada, com situações adversas para o cidadão ter respeito pelas instituições do país.

Manuel António

Bairro Popular

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: António Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jínga 12/26, Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO S.P.
REVISTA DE ANÁLISE CRÍTICA DOS ESPORTES

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abri, Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha

**FAUSTINO MINGUÊS
MEDIDAS DE SEGURANÇA
SÃO IGNORADAS**

“Infelizmente, 90 por cento dos afogamentos que resultam em mortes ocorrem nas praias proibidas. Apesar de haver equipas de aconselhamento, estas áreas não dispõem de nadadores-salvadores. Os salva-vidas estão escalados nas praias autorizadas”.



**ÉPOCA BALNEAR
MAIS DE DUAS DEZENAS
DE PRAIAS AUTORIZADAS**

Entre as praias autorizadas para banho, destacam-se as do Farol Velho, Praia do Banho, Lello, Panorama, Tamariz, Coconote, Marinha, Jango Veleiro, todas na contracosta da Ilha de Luanda. O município de Cacuo conta apenas com uma praia autorizada, localizada na Vila Sede.



PRAIAS PROIBIDAS

EDIÇÕES NOVEMBRO



**Banhistas
desrespeitam Orientações**

A negligência é um dos factores que contribuiu para mortes em zonas balneares de Luanda

Cristina da Silva
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Cerca de noventa por cento das mortes por afogamento na província de Luanda ocorrem em praias não autorizadas para banho ou proibidas. Em 2017, a capital registou 205 ocorrências, sendo 100 afogamentos e 105 salvamentos. Dados dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros dão conta da existência de 46 praias públicas, sendo que 25 estão proibidas para banho.

O município de Luanda regista o maior número de praias proibidas, num total de nove. Na Baía de Luanda, estão proibidas as praias do Ponto Final, Floresta, Casa Lisboa, Panorama, Kilombo, Chicala, Porto Pesqueiro e Petrangol.

Em Cacuo, as bandeiras vermelhas, símbolo de proibição, estão fixadas nas praias da Pumangol, Cefopescas, Foz do Rio Zenza e Farol das Lagostas.

Em Talatona, Belas, Benfica, Mussulo e Samba, os banhos estão proibidos nas áreas da Mabunda, Corimba, Morro dos Veados, Museu da Escravatura, Kms 25 e 30, Boia Amarela, Buraco, Nicha, Foz do Kwanza e Pôr do Sol. Esta última, apesar de registar uma moldura considerável de banhistas, está proibida pelo facto de ser muito profunda, devido a trabalhos de drenagem para navegação.

O porta-voz dos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, Faustino Minguês, disse que apesar da proibição, muitos banhistas persistem em frequentar tais lugares, num claro desrespeito pelas me-

didias de segurança. “Infelizmente, 90 por cento dos afogamentos que resultam em mortes ocorrem nas praias proibidas”, lamentou. Apesar de haver equipas de aconselhamento, estas áreas não dispõem de nadadores-salvadores. “Os salva-vidas estão escalados nas praias autorizadas e nas proibidas temos apenas patrulhas de sensibilização, para a transferência às zonas seguras”, explicou.

Horários e espaços limitados

Os banhos nas praias autorizadas só devem ocorrer entre as 8 e as 18 horas, num perímetro que vai de 15 a 20 metros da contracosta. Este perímetro é um dos pontos que facilita a actuação dos nadadores-salvadores em caso de afogamento. “Por mais que o banhista saiba nadar, aconselhamos a não o fazerem fora deste perímetro e em alta segurança”, disse Faustino Minguês, que confirmou a existência de nadadores-salvadores em todas as praias autorizadas.

As praias não autorizadas possuem bandeiras vermelhas. Já as autorizadas exibem bandeiras verdes. A bandeira amarela chama a atenção para a possibilidade de ocorrer um acidente na água e a bandeira axadrezada assinala a ausência de nadadores-salvadores.

A estes sinais, juntam-se placas que aconselham a nadar sempre acompanhado, evitar ficar com água acima da cintura, no caso de não saber nadar, não tomar banho alcoolizado, evitar mergulhar em zonas rochosas, com buracos ou lodo, e cuidados especiais com crianças e idosos.



AFLUÊNCIA Época balnear regista adesão de banhistas

PRAIAS AUTORIZADAS

Apesar da época balnear ter iniciado a 15 de Agosto, somente nas últimas duas semanas é que as praias de Luanda têm registado uma adesão considerável.

Entre as 21 praias autorizadas para banho, destacam-se as do Farol Velho, Praia do Banho, Lello, Panorama, Tamariz, Coconote, Marinha, Jango Veleiro, todas na contracosta da Ilha de Luanda. O município de Cacuo conta apenas com uma praia autorizada, localizada

na Vila Sede. Em Talatona, Belas, Mussulo, Benfica e Samba, as praias autorizadas estão localizadas na Praia Amélia, Rua 11, Ramiros, Macoco, Mussulo Centro, Sonho Dourado, Sepa, Rota do Mussulo, Gerais, Ponta do Mussulo, Jemba, Neiuco, Sangano, Carpindele e Surfistas. Com o aumento de frequência nas praias de Luanda, o Serviço de Protecção Civil e Bombeiros criou equipas de patrulhamento apeado, motorizado e de lancha.

**A tinta
de caju**

**LUCIANO
ROCHA**



ROUPA LIMPA

Meu hábito antigo de deambular por Luanda, sem roteiro definido, tem, outras, a vantagem de manter acesa a chama de indignação que nutro por todos quantos a ultrajam, a esventram a desfeiam.

Os que a amam de verdade deviam fazer esse exercício por ser das forma de não correrem o risco de ser levados neste dongo sem rumo, nem ximbicador, ao sabor da insensibilidade e egoísmo de falsos timoneiros.

Luanda faz-me lembrar os calções remendados, as camisas passajadas dos tempos de meninice despreocupada. Colorida com sombras de árvores frondosas, frescos bons que elas nos davam misturados com os do mar. Que permitiam transportar nossos sonhos em papagaios ou estrelas de papel de seda até terras inatingíveis. Mas, nossos calções eram remendados, nossas camisas passajadas com mãos de paciência, sabedoria e carinho de nossas mães. As mesmas que faziam o matete do matabichos e nos acariciavam. E nossa roupa, sem buracos, nem rasgões, estava sempre lavada e engomada na hora de sairmos de casa. Ao contrário das ruas da nossa cidade, sujas, esventradas. Ainda por cima, sem sombras, nem fresco das árvores, quanto mais do mar. Sequer frutos de tantas cores e sabores.

Os nossos sonhos de menino eram desmedidos, é verdade, mas fazíamos-los transportar nos voos da inocência de papagaios e estrelas que nós próprios fazíamos ensinados pelos mais velhos. Não prejudicávamos ninguém. Hoje, Luanda nem sequer tem espaços para as crianças brincar. Ocuparam-nos com cimento armado, caixotes de vidro. Nem crianças para brincar ao ar livre. Fazem-no encafuados em casa, em frente a computadores comprados. Não sabem o que é inventar sonhos de mundos inatingíveis ou subir aos paus para saborear fruta. Luanda não pode continuar ultrajada. Tem de voltar a ter espaços verdes, jardins, ruas com árvores., enfim pulmões para respirar. E os meninos do futuro aprenderem a inventar brincadeiras e sonhos. Mesmo que vistam calções remendados ou camisas passajadas.



BERNARDO JOSÉ OBJECTIVO COMUM

"Estamos a trabalhar no sentido de orientá-los como devem comportar-se com os taxistas e os passageiros. São rapazes de famílias de renda baixa e que, se não trabalharem como lotadores podem enveredar para a delinquência. Mas os taxistas, lotadores e cobradores, cada um deve fazer a sua parte, porque todos lutam pelo mesmo objectivo de sustentar as famílias".



ORGANIZAÇÃO ORDEM DE CHEGADA

Os lotadores integrados na Brigada de Gestão de Paragens de Táxis (BGPT) apresentam-se de coletes de cor verde, e orientam os taxistas seguindo a ordem de chegada. O grupo, constituído por 45 jovens lotadores, associou-se à ANATA.

PARAGENS DE TÁXIS



Lotadores organizam actividade

Famosos pelo grito que emitem logo às primeiras horas do dia, para preencherem os lugares vazios dos táxis colectivos, vulgo "candogueiros", desde o passado mês de Setembro que os lotadores, actividade que ganhou vida em Luanda, trabalham de maneira mais organizada. A iniciativa é da Associação Nova Aliança dos Taxistas de Angola (ANATA).

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Lotador de viaturas de longo curso, José Henriques, 26 anos, vive no bairro Mundial, município de Belas, e presta serviços numa empresa de comércio geral e transportes interprovinciais. Sai de casa às 04h00, em direcção ao ponto de partida dos veículos que transportam passageiros, de Luanda às províncias de Benguela e Cuanza Sul.

"A minha missão é lotar os carros da empresa, por isso saio mais cedo de casa", disse. Pelo trabalho que realiza, Henriques recebe um salário mensal de 20 mil kwanzas, além dos subsídios diários de alimentação e transporte.

Satisfeito com o emprego, o jovem agradece a iniciativa da empresa, de contratar jovens que viviam na condição de desempregados, para desempenhar a função de lotadores.

Há mais de cinco anos que, o jovem Rafael Jorge encontrou na actividade de lotador a maior oportunidade até agora, para sustentar a família. Na paragem do Matekero, no distrito do Benfica, reuniu um grupo de rapazes, que faz a gestão das paragens de táxis. O objectivo é me-

lhorar a imagem dos lotadores e valorizar ainda mais a actividade, por eles desenvolvida.

Agora, os lotadores integrados na Brigada de Gestão de Paragens de Táxis (BGPT) apresentam-se de coletes de cor verde, e orientam os taxistas seguindo a ordem de chegada. "Éramos vistos como gatunos nas paragens de táxis, e durante uma operação policial muitos de nós fomos parar à cadeia", lembrou.

O grupo, constituído por 45 jovens lotadores, associou-se à Associação Nova Aliança dos Taxistas de Angola (ANATA) para que a Polícia não volte a recolher todos aqueles que se identificarem como membros da associação.

"A conversa com a ANATA surtiu efeitos positivos e foi daí que nasceu a ideia de uniformizarmos todos os lotadores, para serem facilmente identificados", disse, para acrescentar que, nas paragens de táxis os lotadores obedecem regras.

"Estamos divididos em dois turnos, uns trabalham das 05h30 às 12h00 horas, enquanto outros entram às 12h00 e só largam às 20h00. Temos de ter boas regras de higiene. Ninguém pode estar no local de trabalho de camisolas escavadas, chinelas e calções. Estamos a nos organizar", aclarou.

O líder da BGPT, Rafael Jorge,

avançou que, todas as segundas-feiras os lotadores realizam trabalhos de limpeza nas paragens onde actuam, além de sensibilizarem as vendedoras no sentido de recolherem, diariamente, o lixo que produzem, e colocarem nos contentores. Aos 27 anos, José Pereira Morais, que tem mulher e um filho menor de um ano, também ganha a vida como lotador. O jovem confessa que, todos os dias, no final da jornada laboral, chega a levar para casa mais ou menos de cinco mil kwanzas.

"Quando chegamos cedo e nos esforçamos, podemos ganhar até cinco mil kwanzas por dia. Mas há aqueles dias fracos. Eu prefiro os sábados, domingos e segundas-feiras, porque são os melhores dias para facturar", disse José Morais, admitindo que o dinheiro que ganha serve para sustentar a família. "Infelizmente, alguns colegas não levam quase nada às suas casas, porque o pouco ou muito do que ganham gastam na bebida", contou.

José Pereira valoriza a ligação entre a Brigada de Gestão de Paragens de Táxis com a ANATA, mas lamenta o facto de muitos taxistas não colaborarem. "Alguns taxistas nos impedem de trabalhar e, desta forma, voltamos sem nada em casa e os nossos filhos passam fome", sustentou.

CENTENAS DE JOVENS CADASTRADOS

Mais de 350 lotadores estão cadastrados na Associação Nova Aliança dos Taxistas de Angola. O secretário provincial da ANATA, Bernardo José, disse que, a organização que dirige recebe inúmeras reclamações sobre o desempenho dos lotadores.

"Alguns manifestam falta de civismo quando convidam os passageiros a subirem na viatura. Puxam-nos pelos braços, sem maneiras", salientou, para de seguida acrescentar que, a ANATA enquanto associação compreende a necessidade de os lotadores estarem melhor organizados, "porque os consideramos cobradores dos taxistas".

"O trabalho que realizamos garante o sustento das suas famílias, e dos seus vícios, por isso tínhamos de organizar a classe, uniformizá-los e cadastrá-los, para que a sociedade não os veja como delinquentes. Na associação, temos colegas que começaram como simples lo-

tadores, depois passaram a cobradores e hoje trabalham como taxistas", revelou.

Bernardo José confirma que, alguns taxistas inviabilizam o trabalho dos lotadores, porque estes muitas vezes apresentam má conduta. A forma como se aproximam das viaturas que realizam serviços de táxis, sem perguntarem aos cobradores se precisam ou não de ajuda, gera confusão.

"Estamos a trabalhar no sentido de orientá-los como devem comportar-se com os taxistas e os passageiros. São rapazes de famílias de renda baixa e, que, se não trabalharem como lotadores podem enveredar para a delinquência. Mas, os taxistas, lotadores e cobradores, cada um deve fazer a sua parte, porque todos lutam pelo mesmo objectivo de sustentar as famílias", frisou.

Os lotadores, devidamente uniformizados, podem ser vistos nas paragens do município de Cacucuo, Cazenga, Belas, Viana e Luanda. **MM**



**JÚLIO BESSA
PACOTE DE MEDIDAS**

“Está em elaboração um pacote de medidas que visam acabar com lixeiras em áreas residenciais. O Governo Provincial de Luanda vai implementar outras medidas para tornar o trânsito automóvel mais fluído e melhorar a mobilidade urbana, bem como a regularização da actividade comercial informal”.



**ÁGUA POTÁVEL
ABASTECIMENTO
É DEFICIENTE**

A Empresa Pública de Águas (EPAL) precisa de produzir, no mínimo, cerca de um milhão e 200 mil metros cúbicos de água por dia, para abastecer toda a província, ao contrário dos actuais 550 mil metros cúbicos.

LUANDA VERDE 2022

Governo Provincial pretende melhorar imagem da capital

Recentemente, foram lançados subprogramas para a reparação das vias secundárias e terciárias, requalificação de alguns bairros, reabilitação da rede de iluminação pública, espaços verdes, obras de drenagem e construção de mercados.

Nilza Massango

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Luanda Verde 2022 é um programa de reabilitação urbana que começa a dar os primeiros passos. Algumas ruas da baixa de cidade já estão reabilitadas e outras, mais na periferia, começam a ser reabilitadas, como o caso da Ngola Mbande, no bairro Cassequel.

Quando a rua Ngola Mbande estiver totalmente reparada, sem dúvidas, vai facilitar o trânsito automóvel, por exemplo, para quem vem do Kilamba, passa pelo Camama, Golfe, pela rua 28 de Agosto, Machado Saldanha, Tourada até ao Largo das Heroínas.

O assessor da vice-presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, Edson Cruz, disse que tecnicamente, os que residem no Kilamba, Zango, bairro Mundial podem seguir a via de acesso do Kilamba/Camama e que também está a ser intervencionada e seguir pela rua Pedro de Castro Van-Dúnem “Loy”, desembocando na Tourada ou no Largo das Heroínas.

Edson Cruz, que falava sexta-feira passada, depois do governador Adriano Mendes de Carvalho constatar alguns vias reparadas e outras em repara-

ção na província de Luanda, disse ainda que a rua conhecida como Ana Paula, que é paralela à rua principal do Camama que dá para Sapú e 11 de Novembro, também está a ser reabilitada. As obras na 5ª Avenida do Cazenga já começaram, assim como as do troço do Kimbango que dá ao Calamba 2. A travessa da Alfandega, Baixa de Luanda, também está a ser reabilitada. A rua Peres Alexandre, na Maianga, já está recuperada, assim como a rua da Universidade Lusíadas.

Mas até lá, a capital angolana continua a enfrentar os mesmos problemas dos anos anteriores, como o furto de cabos eléctricos e a acumulação de lixo. A estes problemas acrescem a fraca distribuição de água potável, de energia eléctrica e de iluminação pública e comércio em lugares impróprios.

Há duas semanas, o governador Adriano Mendes de Carvalho, em visita de trabalho, constatou que três postos de transformação de energia eléctrica foram queimados na Ilha de Luanda e na Cidade do Kilamba por desconhecidos. Também verificou que cabos eléctricos foram roubados no Largo 1º de Maio e no Eixo Viário.

Adriano Mendes de Carvalho repudiou estes actos de vandalismo. O governante disse ser inconcebível que zonas da cidade fiquem às escuras por causa destes desmandos.

NOVO MODELO DE LIMPEZA

O vice-governador Júlio Bessa, sem adiantar pormenores, disse que está em elaboração um pacote de medidas que visam acabar com lixeiras em áreas residenciais. Segundo Júlio Bessa, o Governo Provincial de Luanda (GPL) vai implementar outras medidas para tornar o trânsito automóvel mais fluído e melhorar a mobilidade urbana, bem como a regularização da actividade comercial informal e o encaminhamento dos vendedores de rua para os mercados municipais. A actividade comercial in-

formal é exercida em passagens pedonais, linhas de caminho-de-ferro, bermas das ruas e estradas, e em outros locais inapropriados. A província de Luanda tem 106 mercados, sendo que 71 estão ocupados por 41.603 vendedores, restando 22.500 espaços vagos. O GPL lançou recentemente subprogramas para a reparação das vias secundárias e terciárias, requalificação de alguns bairros, reabilitação da rede de iluminação pública, espaços verdes, obras de drenagem e construção de mercados.

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO



VICE-GOVERNADOR Júlio Bessa

Quando à reabilitação das vias rodoviárias, garantiu que as obras vão avançar brevemente. “A chuva não vai ser um empecilho para as obras acontecerem. É neste período que o dinheiro é disponibilizado”, referiu.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

A Empresa Pública de Águas (EPAL) precisa de produzir, no mínimo, cerca de um milhão e 200 mil metros cúbicos de água por dia, para abastecer toda a província, ao contrário dos actuais 550 mil metros cúbicos.

O administrador executivo da EPAL, Pedro Sebastião, disse que “esses volumes de água são ainda reduzidos devido, muito concretamente, à situação do garimpo (desvio de água por candongueiros)”. Em relação aos projectos do Bita e do Quilonga Grande, Pedro Sebastião disse que, quando terminados, vão aumentar a capacidade de produção já existente. “São projectos inscritos nos programas de investimento público, mas que neste momento enfrentam problemas de financiamento”, referiu.

Segundo Pedro Sebastião, a principal zona urbana de Luanda está servida em termos de abastecimento.

Já os municípios de Belas, Cacuco, Viana, uma parte do Cazenga, Icolo e Bengo e Quiçama não possuem redes de distribuição de água potável.

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



CAPITAL O programa de reabilitação urbano Luanda Verde 2022 contempla a melhoria das vias rodoviárias, distribuição de água potável, iluminação pública e do comércio



FALTA DE ESPAÇOS CONDUTORES ABANDONAM VIATURAS NA VIA PÚBLICA

Por falta de espaços, os automobilistas, aflitos, abandonam os veículos nas faixas de rodagem das principais vias de Talatona, como na rua do Mundo Verde, Avenida Samora Machel e na Rua do MAT, onde a remoção de viaturas era feita com alguma regularidade.



COBRANÇAS ILEGAIS DIRECTOR MUNICIPAL DE FISCALIZAÇÃO DETIDO

O director municipal da Fiscalização, identificado apenas por Varandas, foi detido, acusado de fazer cobranças ilegais aos proprietários das viaturas rebocadas nas ruas do município de Talatona, por mau estacionamento.

MUNICÍPIO DE TALATONA



Viaturas estacionadas em locais de proibição

A Administração Municipal de Talatona suspendeu o reboque de viaturas, depois da denúncia de cobranças ilegais.

Helma Reis

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Uma fila enorme de viaturas estacionadas na Avenida Samora Machel. Há uma placa a indicar a proibição, que os automobilistas desobedecem por causa da circular nº 08/07/2018, que suspende o reboque de viaturas no município de Talatona, em Luanda.

O documento foi assinado pela administradora Njila de Carvalho, depois da detenção do director municipal da Fiscalização, identificado apenas por Varandas, acusado de fazer cobranças ilegais aos proprietários das viaturas rebocadas nas ruas do município, por mau estacionamento.

A detenção, feita pelos efectivos do

Serviço de Investigação Criminal (SIC), aconteceu mediante denúncia feita por um cidadão anónimo.

Em consequência das investigações, o SIC reuniu provas do envolvimento de Varandas, que sabia das cobranças ilegais feitas nas ruas pelos seus subordinados, e que este recomendava que o pagamento fosse efectuado por via de um Terminal de Pagamento Automático (TPA), cuja conta bancária pertence a uma empresa privada, supostamente registada em seu nome.

Enquanto a Administração Municipal de Talatona analisa as irregularidades decorrentes do serviço de reboque de viaturas em transgressão administrativa, sobretudo ali onde não se observam a presença de efectivos da Polícia de Trânsito, torna-se quase impossível estacionar, por falta de es-

paços para o efeito. Aflitos, os automobilistas abandonam os veículos nas faixas de rodagem das principais vias do município, como na rua do Mundo Verde, Avenida Samora Machel e na Rua do MAT, onde a remoção de viaturas era feita com alguma regularidade. No passado, a antiga Comissão Administrativa da Urbanização de Talatona, através dos seus serviços de Fiscalização, também efectuava acções de reboque de viaturas estacionadas em locais de proibição e impróprios. Para recuperá-las, os automobilistas pagavam multas de 25 mil até 85 mil Kwanzas.

O automobilista Nascimento Marcos lembra que, antes da suspensão da actividade de reboques de viaturas mal estacionadas, nas ruas de Talatona, o ambiente entre condutores e fiscais era de grande tensão. "Infe-

"A remoção de viaturas a nível do nosso ordenamento jurídico vem regulado no capítulo III do Decreto - Lei nº 5/2008, de 29 de Setembro, que aprova o Código de Estrada. As multas que são cobradas pelas Administrações Municipais são ilegais, por força dos argumentos citados e, concomitantemente, não devem ser pagas pelos cidadãos, pelo facto de não estarem previstas na lei, violando grosseiramente o princípio da legalidade que vinculam e devem vincular os actos praticados pela administração..."



**NASCIMENTO MARCOS
CLIMA DE TENSÃO ENTRE
AUTOMOBILISTAS E FISCAIS**

“Antes da suspensão da actividade de reboques de viaturas mal estacionadas na via pública, o ambiente entre condutores e fiscais era de grande tensão. Já fui obrigado a pagar 10 mil kwanzas a cada fiscal”.



**LICÍNIA JOÃO
REGULAR O TRÂNSITO
TEM SIDO UMA TAREFA DIFÍCIL**

“Não tem sido uma tarefa fácil. Desde que ficou suspenso o reboque de viaturas no município de Talatona, alguns motoristas passam dos limites no momento em que são advertidos pelos agentes reguladores de trânsito e, as vezes nos faltam respeito”.

MARIA AUGUSTA E CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



REGULAMENTAÇÃO DA MULTA

VÁRIOS DEBATES foram levantados em torno daquilo que tem sido a forma como os fiscais actuam diante de uma transgressão administrativa, e se esta acção é legal ou não. Para tal, o *Luanda Jornal Metropolitano* entrevistou o jurista Domingos Betico, para melhor esclarecimento do assunto.

Domingos Betico sublinhou que, a remoção de viaturas a nível do nosso ordenamento jurídico vem regulado no capítulo III do Decreto-Lei nº 5/2008, de 29 de Setembro, que aprova o Código de Estrada.

À luz deste diploma legal, Domingos Betico explica que, nos termos do seu artigo 164, é possível remover uma viatura quando esta se encontra indevidamente estacionada numa passagem de peões sinalizada, numa via ou corredor de circulação reservados a transportes públicos e em locais de passagens de veículos

de transportes colectivos de passageiros.

Nestes casos, acrescentou o jurista, o veículo pode efectivamente ser removido pela entidade competente nos termos da Lei. Outra questão que também se coloca é o valor a pagar em caso de transgressão administrativa.

Domingos Betico avança que, à luz da Lei 12/11 de 16 de Fevereiro, dispositivo legal que estabelece o mau estacionamento de veículos como transgressão contra a segurança de pessoas e bens, nos termos da alínea b) do seu artigo 7, cuja sanção consiste na aplicação de multas, conforme o artigo 13 da mesma Lei, “aqui reside a grande preocupação, pois o legislador ordinário não previu (não fixou) o montante de multa a ser pago pelo infractor, o proprietário ou detentor do veículo”.

Segundo o jurista, as multas que são cobradas pelas Administrações Municipais são ile-

gais, por força dos argumentos citados e, concomitantemente, não devem ser pagas pelos cidadãos, pelo facto de não estarem previstas na lei, violando grosseiramente o princípio da legalidade que vinculam e devem vincular os actos praticados pela administração pública e seus agentes, conforme o artigo 198 da Constituição angolana.

O Governo da Província de Luanda estuda a possibilidade de suspender as acções de reboque, para fazer o bloqueio dos pneus das viaturas em transgressão administrativa.

Sobre o assunto, Domingos Betico defende a aplicação de uma medida que se adapte a nossa realidade, pelo facto de haver um vazio legal do valor da multa a ser paga, e por ser, também, uma medida que tem acolhimento legal nos termos do artigo 164 do Código de Estrada.

HR



MULTAS Os automobilistas eram obrigados a pagar entre 25 a 85 mil kwanzas para recuperarem as suas viaturas rebocadas na via pública

lizmente, já passei por essa situação. Eu pretendia tratar de um assunto urgente e me vi obrigado a estacionar o carro na estrada e deixei os intermitentes ligados. Quando regresssei, encontrei dois fiscais a removerem a viatura. Pedi muitos favores, mas eles não me ouviam. Tinha alguns valores no bolso e paguei 10 mil Kwanzas a cada um deles”, contou.

Em vários pontos da cidade de Luanda, a falta de parques de estacionamento de viaturas obriga os automobilistas a perderem muito tempo a procura do melhor lugar para imobilizar os veículos. “Infelizmente, tem sido uma prática constante a execução de projectos sem pensar na criação de espaços para estacionamento. As vezes até parece que fazem de propósito, porque no final de tudo quem paga é o cidadão, que mediante a escas-

sez se vê obrigado a cometer várias transgressões administrativas”, disse o automobilista Adilson Gonçalves.

Logo à saída do parque de estacionamento do Centro Comercial Belas Shopping, há viaturas estacionadas à esquerda e à direita. Uma agente reguladora de trânsito em serviço, Licínia João, orienta e tenta disciplinar a circulação de veículos na rua.

Com um apito na mão direita, a agente aconselha os automobilistas no sentido de conhecerem o Código de Estrada, para evitarem cometer erros, como estacionar em locais com placas de proibição. “Não tem sido uma tarefa fácil. Desde que ficou suspenso o reboque de viaturas na zona, alguns motoristas passam dos limites no momento em que são advertidos pelos agentes de trânsito e, as vezes nos faltam respeito”, disse.



Automobilista Adilson Gonçalves



Agente de trânsito Licínia João



Nascimento Marcos já foi autuado



DENUNCIE QUEM ESTIVER A DESTRUIR OS BENS DO POVO

O vandalismo está a destruir os bens públicos em todo o País. Os criminosos querem dificultar a vida da população com objectivos escusos. **É UM CASO DE POLÍCIA**

GOVERNO DE
ANGOLA

(300.044)

PLANALTO

A FORÇA E TRADIÇÃO DO SEU POVO AQUI REFLECTIDO

O JORNAL DO HUAMBO E BIÉ



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Director Fernando Cunha • 8 de Junho de 2018 • Ano 0 • Número 1

ÓBITOS E PEDIDOS NO BIÉ
USO DE PANOS AFRICANOS É OBRIGATORIO

O uso de panos de origem africana nas cerimónias fúnebres e alambamentos tornou-se numa prática obrigatória entre as mulheres adolescentes e adultas da província do Bié, conduta que promove à cultura da região e por isso está a ser muito elogiada pelos turistas. São mulheres de vários estratos sociais que, nos óbitos, por exemplo, usam panos em respeito à família enlutada e à sociedade, além de manifestarem tristeza e afecto. Os panos africanos são agora trajes oficiais das mulheres da cultura umbundu. As mulheres que não os usam de forma regular têm sempre uma peça guardada numa bolsa.

ESTÁDIO DE FUTEBOL
CACILHAS VIROU CAMPO AGRÍCOLA

A 6 de Setembro de 2012, com pompas e circunstâncias, o Estádio das Cacilhas, um património histórico da cidade do Huambo e símbolo do Sport Mambra e Benfica, foi demolido, para a construção de um novo recinto para a prática do futebol. Na altura, muitos aficionados do desporto acreditavam que - tempos depois - viria uma nova era para o tradicional clube do bairro das Cacilhas, na zona suburbana da urbe huambense: Puro engano. Hoje, todos aqueles que acreditaram, piamente, que o começo da edificação do novo estádio das Cacilhas, padronizado à dimensão de uma infraestrutura moderna do século XXI, iria significar o ressurgimento do Mambra do Huambo, sentem-se defraudados.

O MAIS ALTO DO HUAMBO
OS 2,30 METROS DE HENRIQUES SOCUMBE

Solteiro de 33 anos, é tido como o homem mais alto da província do Huambo e, quicá, do país. No alto dos seus 2,30 de altura, Henriques Socumbe nunca teve a sorte de encontrar alguém que o tivesse para a sua estatura e o levasse a treinar basquetebol ou voleibol, duas modalidades que "corridam" com as pessoas com uma estrutura

*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.





REFERÊNCIA PRODUTOS IMPORTADOS DO ESTRANGEIRO

A par dos moradores do município do Cazenga, o mercado das Mulheres virou referência para milhares de pessoas de vários de Luanda e, inclusive, do país. Os produtos comercializados são maioritariamente importados do Brasil, China, Tailândia, África do Sul, Turquia, Namíbia e Portugal.



VICTORIANA DE SOUSA MELHOR CONFORTO

Antiga vendedora do ex-mercado Roque Santeiro, antes de se estabelecer nas "Mulheres", Victoriana de Sousa passou pelo mercado do Hoji-Ya-Henda, local onde inúmeras vezes enfrentou a lei pela mão dos agentes da fiscalização.

Yara Simão

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

HOJI YA HENDA

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Preços na "Praça das Mulheres" atrai milhares de clientes

Frequentando por pessoas de todos os estratos sociais, o mercado das Mulheres, localizado no bairro da Mabor, Distrito Urbano do Hoji ya Henda, município do Cazenga, como o próprio nome diz, entrou no roteiro de muitas mulheres ávidas em estar na moda. A venda de produtos, particularmente roupas e calçados a preços acessíveis define a escolha.

O relógio assinala cinco da manhã. O portão principal se abre para receber as vendedoras de bens alimentares. Duas horas depois, é a vez de dar boas vindas ao táxis colectivos, que transportam maioritariamente as vendedoras grossistas de toda a gama de vestuários e outros objectos de moda, o cartão postal do local. Carregadas de roupas e toda sorte de artigos de moda, de forma "mecanizada" penduram-nos nos cabides ao mesmo tempo que espalham os calçados no chão. Tudo isto acontece no mercado das Mulheres, um dos mais concorridos do bairro Mabor, município do Cazenga.

O espaço emprega mais de mil pessoas na sua maioria mulheres, que se dedicam ao comércio de produtos diversos, porém, a venda de roupas, calçados, bijuturias, e a necessidade de vestir bem a custo razoável junta diariamente no mesmo espaço milhares de cidadãos.

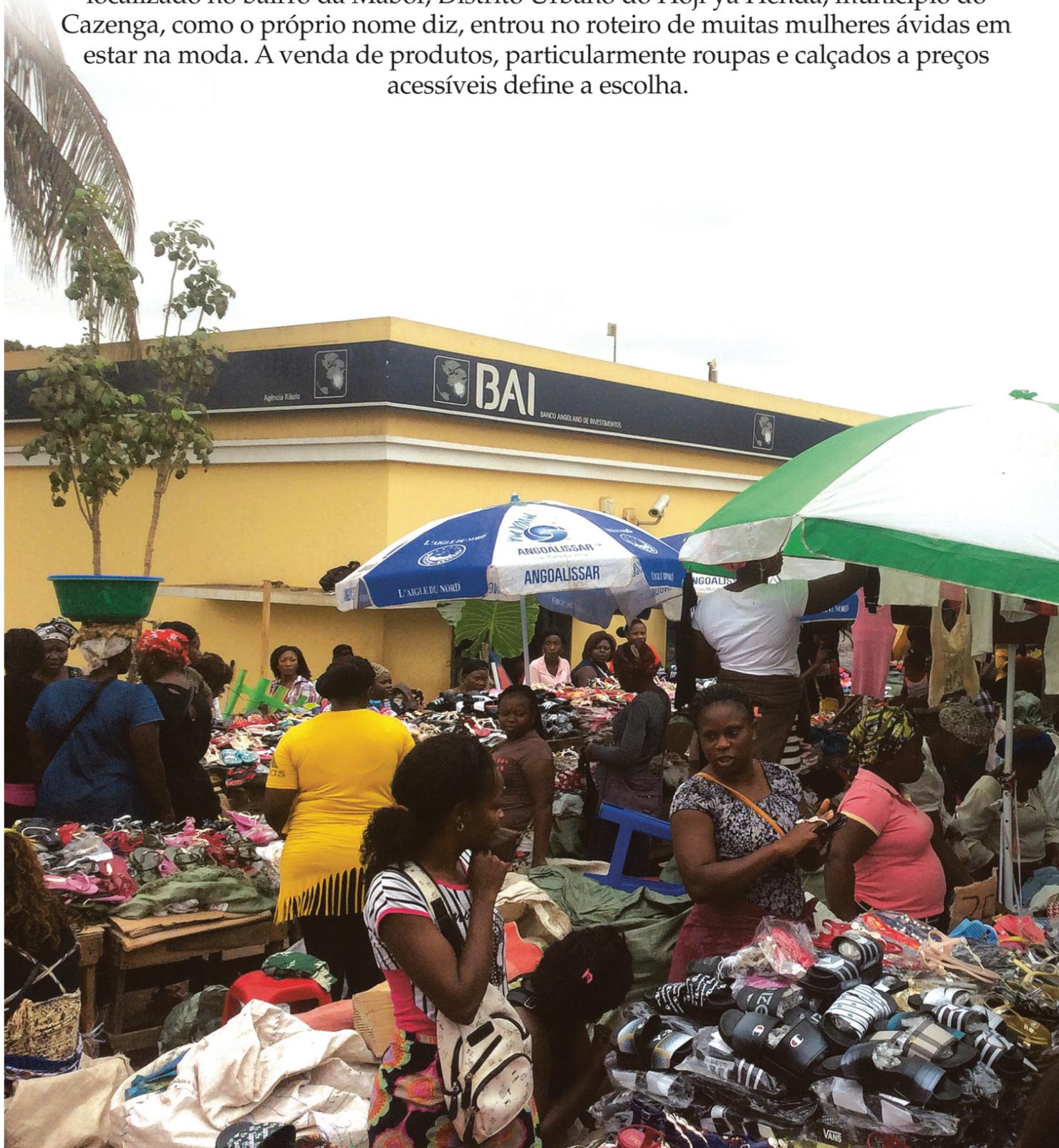
"Amiga chega nos chinelos de qualidade, temos para mulheres, homens e crianças e tudo a bom preço", apregoa uma das vendedoras, que montou o negócio a poucos metros do portão principal de entrada. O refrão cai na graça de duas amigas, de um grupo de cinco, que se apressa a conferir as novidades. As outras três manifestam vontade em ver apenas marcas de roupas.

A medida que as horas avançam, ouvem-se vozes de todos os lados do mercado. O movimento de clientes, vendedoras e até de zungueiras, que desfilam do lado de fora tornam o ambiente frenético. O empurra-empurra característico quase não se nota, mas o roçar dos corpos acontece a todo instante, uma vez que o espaço de mobilidade é bastante estreito.

Além da venda de roupas e calçados, o mercado dispõe de salões de beleza, barbearias boutiques, casas de costura e serviços de alimentação. De um lado do corredor principal, perfilam as vendedoras de calças e saias, do outro, de blusas e vestidos. A organização impera. Cada uma delas possui o seu lugar e a disputa por clientes é quase sempre feita com respeito pelo negócio alheio.

Acompanhada do namorado e um casal amigo, o entusiasmo de uma jovem ao tomar conhecimento do preço de uma mini-saia exposta numa bancada deixou admirada a própria vendedora do artigo. Sem meias medidas, encheu a sacola com outras peças de roupas, calçados e alguns acessórios. O preço dos artigos variou entre 500 a cinco mil e, por isso, dispensou descontos.

O entusiasmo também se apossou de um grupo de três moças, que aparentava ter entre 20 a 25 anos. Há meses que ouviam falar do mercado, da





VENDAS MULHERES NO COMANDO

O mercado emprega mais de mil pessoas na sua maioria mulheres, que se dedicam ao comércio de produtos diversos, porém, a venda de roupas, calçados e bijuturias atraem o maior número de clientes.



LAURINDA XAVIER TAXA E TRABALHO

“Não temos tido problemas nem corridas de fiscais, cumprimos com o nosso papel que é pagar a taxa e trabalhar. Para melhorar, os clientes não nos deixam mal. Também existe um grupo de mulheres que vem aqui só mesmo para roubar, mas a polícia tem minimizado”.

qualidade dos produtos e dos preços praticados. Motivadas em comprar a “rasteira”, famosa chinela rasa muito popular no seio feminino, ficaram surpreendidas pela positiva.

A par dos moradores do município do Cazenga, o mercado das Mulheres virou referência para milhares de pessoas de vários de Luanda e, inclusive, do país. O *Luanda, Jornal Metropolitano* apurou que os produtos comercializados são maioritariamente importados do Brasil, China, Tailândia, África do Sul, Turquia, Namíbia e Portugal.

MERCADO FORNECEDOR

Para a maioria das clientes do mercado das Mulheres, em época de crise, vestir bem sem sair de moda é fundamental e nada melhor de que comprar bens de qualidade e a baixo custo.

“Economizar sem sair da moda é uma garantia no mercado das Mulheres, onde os preços variam de mil a dez mil kwanzas”, justificou Preta Assunção, que há anos frequenta o mercado.

Sem disfarçar a sastifação, explicou que um vestido pode custar cinco mil kwanzas, a calça, três mil e a saia fica por dois. Com vinte mil kwanzas, Preta Assunção garante que o cliente pode levar mais de quatro peças para casa sem que para tal faça muita “ginástica”.

Antonica Pembele é comerciante. Uma vez por mês, viaja desde a província da Lunda Sul atraída pelas vantagens que o mercado oferece.

“Habitualmente compro aqui em grandes quantidades para revenda na minha província. Compro as roupas e calçado a bom preço e em Saurimo vendo bem e dá para ganhar algum”, disse, acrescentando que entrou há três anos no negócio e fá-lo na companhia de outras colegas.

Antonica Pembele disse também que da sua bagagem habitualmente consta cinco malas cheias e tenciona no futuro levar o negócio para outras províncias do país. “Levo tudo quanto é novidade e os meus clientes são basicamente funcionários bancários e de departamentos provinciais e municipais da província. Vale o sacrifício, pois os lucros são bons”, afirmou.

Acompanhada do namorado e um casal amigo, o entusiasmo de uma jovem ao tomar conhecimento do preço de uma mini-saia exposta numa bancada deixou admirada a própria vendedora do artigo. Sem meias medidas, encheu a sacola com outras peças de roupas, calçados e alguns acessórios. O preço dos artigos variou entre 500 a cinco mil e, por isso, dispensou descontos.

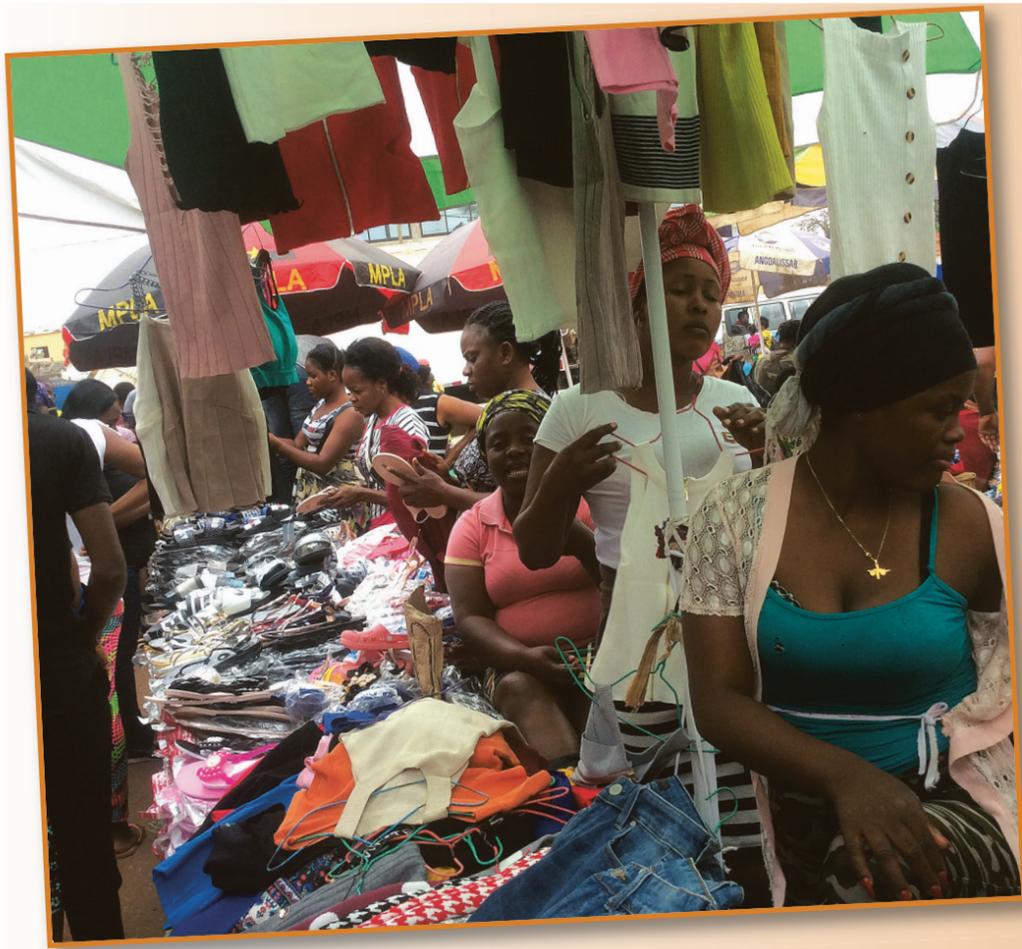
ORGANIZAÇÃO E MUDANÇA DE VIDA

O surgimento há cinco anos do mercado das Mulheres mudou a vida de muitas senhoras, que sobrevivem do comércio. Victoriana de Sousa, vendedora, conta que o local é organizado e regista poucos relatos de roubos e outros tipos de crimes. “Não temos razões de queixas, aqui tudo é organizado e temos muitos clientes. Todos os dias saímos com o dia ganho”, referiu.

De um lado do corredor principal, perfilam as vendedoras de calças e saias, do outro, de blusas e vestidos. A organização impera. Cada uma delas possui o seu lugar e a disputa por clientes é quase sempre feita com respeito pelo negócio alheio.

Antiga vendedora do ex-mercado Roque Santeiro, antes de se estabelecer nas “Mulheres”, Victoriana de Sousa passou pelo mercado do Hoji-Ya-Henda, local onde inúmeras vezes enfrentou a lei pela mão dos agentes da fiscalização. A semelhança de outras vendedoras, sentiu-se aliviada quando foi finalmente transferida para o mercado das Mulheres. “Agora estamos mais à vontade. Todas nós pagamos uma taxa diária de 300 kwanzas, valor que serve para a manutenção e higiene”, explicou.

Laurinda Xavier, de 23 anos, três dos quais como vendedora mostra-se, igualmente, satisfeita com o ambiente no mercado. “Não temos tido problemas nem corridas de fiscais, cumprimos com o nosso papel que é pagar a taxa e trabalhar. Para melhorar, os clientes não nos deixam mal”. Laurinda Xavier



acrescentou que o dia-a-dia no mercado é calmo, mas tem vezes que surgem alguns focos de pequenas confusões.

“Muitas vezes as colegas se desentendem e chegam a brigar, criando tumulto. Também existem um grupo de mulheres que vem aqui só mesmo para roubar, mas a polícia tem minimizado”, disse. Rosa Francisco e Feliciano Samuel corroboram da mesma opinião. A primeira garante que o mercado das Mulheres é um lugar bom para o comércio. A segunda, por sua vez, garante que o visitante do mercado tem inúmeros motivos para não se arrepender.



VENDA Preços surpreendem essencialmente pela positiva



ENTUSIASMO Muitas clientes dispensam os descontos

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA FORMAÇÃO



QUALIFICAR, O NOVO APLICATIVO DA OFERTA FORMATIVA DO PAÍS

Consulta mais de 3000 cursos, em mais de 500 Instituições de Ensino e Formação, distribuídos por todas as Províncias do país.

-  SIMPLIFICA A ESCOLHA DE UM CURSO
-  INCLUI DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO E FORMAÇÃO

ESTÁS PREPARADO?

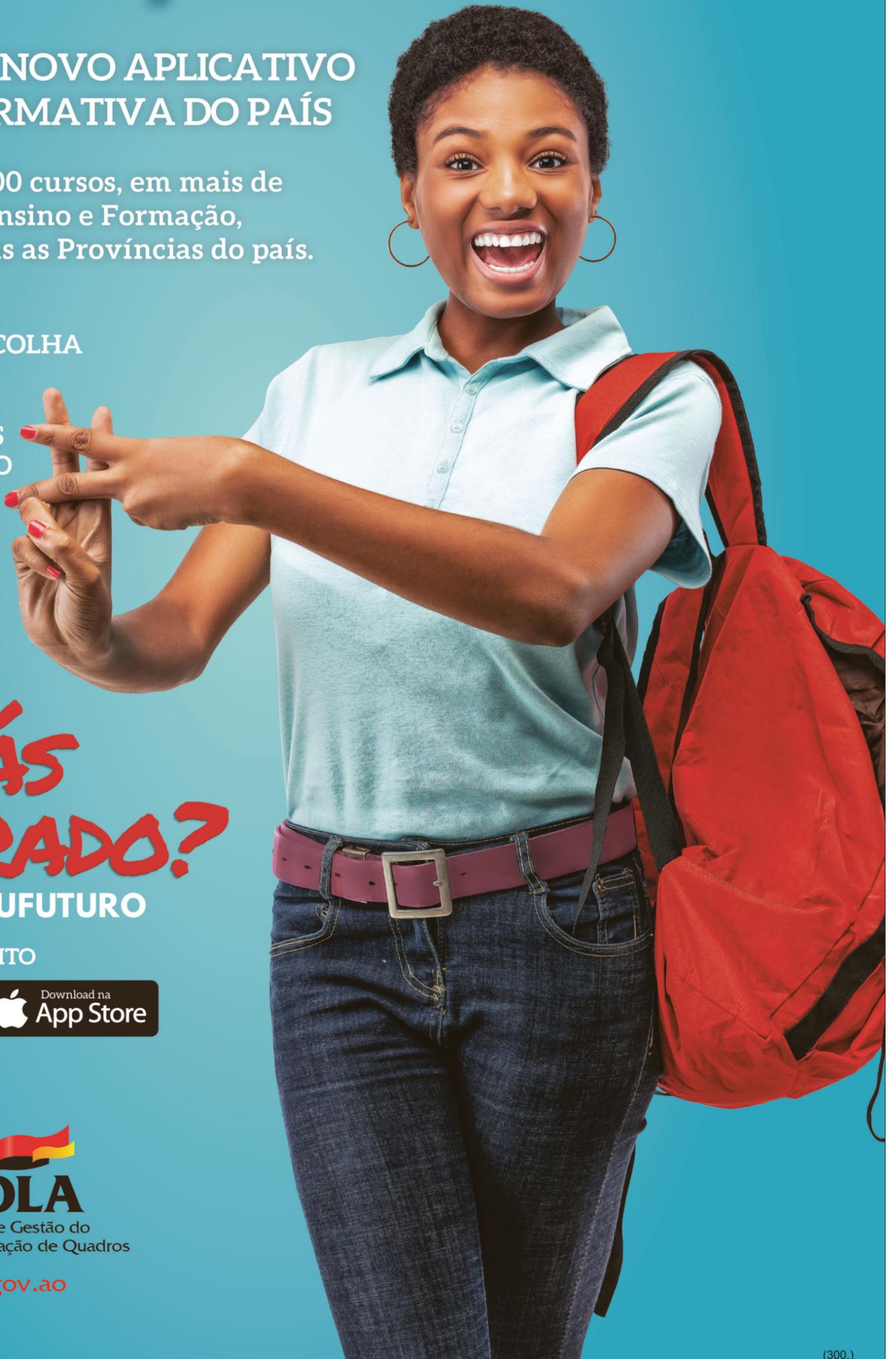
#DECIDEOTEUFUTURO

GRATUITO



GOVERNO DE
ANGOLA
Unidade Técnica de Gestão do
Plano Nacional de Formação de Quadros

qualificar.gov.ao





ÂNGELO MACHADO REGULAR O MERCADO INFORMAL

"A feira pretende regular o mercado informal, criar condições para aqueles que queiram expor os seus produtos o façam de forma organizada e segura. Desta forma arrecada-se também receitas para Orçamento Geral do Estado, através das contribuições dos expositores".



ELSA DA SILVA OS DIAS MAIS LUCRATIVOS

"O nível de organização da feira é positivo. Os sábados e domingos são os melhores dias para vender, porque a feira regista maior número de visitantes e consequentemente compradores. Na Sexta-feira há pouca adesão, por causa das tarefas de cada um.

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

MERCADO ABASTECEDOR

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Os expositores da feira que decorre há três semanas no Mercado Abastecedor de Benfica (MAB), no município de Belas, manifestaram satisfação pela iniciativa. Ao Luanda, Jornal Metropolitano disseram também que aquele espaço de negócios tem sido proveitoso em termos de vendas. A organização adstrita ao Ministério do Comércio garante que os feirantes e promotores arrecadaram milhões de kwanzas.

Elsa Domingos da Silva considerou o nível de organização positivo. Ela comercializa roupa e bolsas para senhoras, provenientes da Tailândia e do Luvo. Os sábados e domingos são os melhores dias para vender, porque a feira regista maior número de visitantes e, consequentemente, compradores. "Na sexta-feira há pouca aderência, por causa das tarefas de cada um. Mas no final de semana os clientes marcam presença", revelou.

Em sua opinião, feiras do género incentivam os produtores nacionais e ajudam a tirar da rua muitas pessoas que praticam vendas anárquicas com o risco de serem atropeladas. "A feira tem lugar para todos. Aqui tem mulheres zungueiras e pessoas que não faziam nada", salienta.

Braúlio Augusto, representante da Fazenda Mankudilo, da província do Bengo, disse que está presente na feira para expor e comercializar produtos agrícolas diversos, como banana pão, mandioca, cana-de-açúcar, quizaca, quiabo, gindungo, pepino orgânico, alface, repolho, beringela e outros.

A feira permite aos produtores e consumidores ter alguma ideia da capacidade produtiva que o país possui, destacou. "Como outros espaços similares, deve continuar a apoiar iniciativas dos produtores nacionais, porque o país já produz produtos de boa qualidade", assegurou.

O evento está a permitir que os feirantes da restauração efectuem muitos negócios, como confirmou Adriana Faria, que considera positiva esta experiência de trabalho por ser uma forma de promover os seus produtos.

A expositora louvou a iniciativa do MAB em organizar a feira e garantiu que os preços dos produtos são acessíveis, lembrando que o mais importante não é vender os produtos, mas mostrar a capacidade empresarial.

Para a expositora Suzana Van-Dúnem, a realização de feiras serve de incentivo para os produtores que contribuem para o combate à fome e à pobreza. "Aqui consigo vender hortaliças, frutas, bananas, batata, múcua", disse. Os produtos são provenientes das províncias do Bengo, Cuanza Norte, Uíge e Zaire.

Feira do Benfica rende milhões

Expositores queixam-se da fraca divulgação nos meios de comunicação social



Questionada sobre a organização, Suzana Van-Dúnem explicou que os feirantes pagam uma taxa diária de 300 kwanzas. "Consideramos um preço acessível", acentuou.

CERTAME RENDE MILHÕES DE KWANZAS

Durante três semanas, os feirantes realizaram um volume de negócios estimado em sete

milhões de kwanzas e a organização facturou quatro milhões e 411 mil em taxas diárias e inscrições.

O director-geral do Mercado Abastecedor de Benfica, Ângelo Machado, revelou que de sexta-feira a domingo são comercializadas seis toneladas de produtos agrícolas, quatro de produtos não agrícolas e três de comidas e bebidas, números que

superam as expectativas da organização. Ângelo Machado revelou que o certame atrai cerca de cinco mil visitantes por semana, sendo um local privilegiado para 600 expositores comercializarem mercadoria diversa, com destaque para os produtos agrícolas.

Ao mesmo tempo, em parceria com a Escola Nacional do Comércio, a organização desenvolve

ações de esclarecimento junto dos feirantes sobre poupança, empreendedorismo e contabilidade.

O Ministério do Comércio pretende regular o mercado informal e, com iniciativas deste género, criar condições para os vendedores efectuarem negócios de forma legal e segura, contribuindo desta forma com receitas para o Orçamento Geral do Estado.



**FRACA DIVULGAÇÃO
NECESSIDADE
DE PUBLICIDADE**

Os expositores queixam-se da fraca divulgação da feira nos órgãos de comunicação social e defendem mais publicidade para que as pessoas saibam da existência do evento.



**TAXA DIÁRIA
PREÇO ACESSÍVEL**

As feirantes pagam, durante os três dias de feira, 900 Kwanzas, sendo 300 Kwanzas por dia. Segundo alegam, o valor cobrado é muito acessível. Defendem, por isso, maior incentivo do Executivo e da banca para alavancar e promover o consumo daquilo que é produzido no país.



**FALTA
DE INCENTIVOS
E DIVULGAÇÃO**

Os expositores solicitam maior incentivo da parte do Executivo e da banca para alavancar a produção e substancialmente a sua comercialização. A feirante Elsa Domingos da Silva entende que o Executivo e a banca devem apoiar os pequenos empreendedores, sobretudo na aquisição das divisas para facilitar a transação comercial. "É preciso que o Executivo abra a bolsa das divisas para conseguirmos buscar mercadorias no estrangeiro", disse.

Já o expositor Braúlio Augusto acredita que o Executivo tem feito a sua parte. "Vais ajustando as suas políticas de acordo com as necessidades reais dos produtores", disse o expositor. Afirmou ser importante que o sector privado olhe para agricultura como mola impulsora da nossa economia.

Braúlio Augusto aconselhou as pessoas a deixar de pensar que o fomento da agricultura é uma tarefa do Estado. Mas, apelo ao mesmo ente público para engajar-se mais na criação de condições inerentes as infra-estruturas viárias, entrepostos comerciais a nível das regiões para permitir escoamento dos produtos. "Há outras questões que devem ser levadas em consideração como a estratégia da comercialização a nível das cadeias de supermercados que devem ser apoiadas pelo sector privado. Os bancos têm algumas reticências no que concerne o tipo de negócio", critica Braúlio Augusto.

Os expositores queixam-se da fraca divulgação da feira nos órgãos de comunicação social e defendem a necessidade de publicidade para que as pessoas saibam da existência do evento. Os feirantes afirmaram que apesar de a organização ter um nível aceitável ainda registam a fraca adesão dos clientes. "A publicidade servirá de veículo para encaminhar as pessoas à feira", disse Adriana Faria que recordou que na primeira edição, a feira conheceu maior enchente devido a publicidade que foi feita na altura.





FRANCISCO PEDRO "COREIA EM FESTA"

"Ao longo do tempo que estou no mercado já enfrentei muitas dificuldades e só por um triz não desisti. Com sacrifício e empenho, lancei a marca "Coreia em Festa", que desde então lidera as "farras" neste bairro de Luanda".



SEGURANÇA APOIO DA POLÍCIA NACIONAL

A segurança deve estar salvaguardada na realização de qualquer evento. No caso da "Link Duílio Produções", a produtora nunca descarta o apoio da Polícia Nacional, Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, Instituto Nacional de Emergência Médica de Angola (INEMA) e de seguranças privados.

PROFISSIONALISMO

Dedicação define sucesso dos produtores de eventos

A produção de eventos exige avultados investimentos, dedicação, amor e disciplina profissional. De acordo com depoimentos de quem está no ramo, a temática, a organização, uma equipa de profissionais qualificados, o número e custo de bilhetes concorrem para o sucesso. Entretanto, a queda dos rendimentos, motivada pela crise económica e financeira, é apontada como um dos constrangimentos.



Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Duílio Pedro é o que se pode considerar um empresário de sucesso na produção de eventos. Com mais de duas décadas de actividade, contava apenas 16 anos quando começou a realizar "festas de quintal". Eram encontros muito concorridos e elogiados pelos frequentadores. Entusiasmado com o sucesso, decidiu em 2010 legalizar a actividade de promotor junto do Ministério da Cultura.

"Sempre pensei em dar mais vida às noites de Luanda, por esta razão apostei na realização de festas temáticas, aniversários, casamentos e uma variedade de espectáculos culturais", revelou.

Fruto do domínio que tem da actividade, o proprietário da Link Duílio Produções explicou que a realização de uma festa obedece a regras. Entre estas, destacou o próprio investimento financeiro, dedicação, coordenação,

segurança e produção. O produtor explicou, igualmente, que é fundamental definir uma temática e avaliar o cliente ou público que se pretende.

"Podemos fazer um esboço mais básico e gastar um milhão ou milhão e meio de kwanzas. Mas, para projectos de grande envergadura, podemos gastar valores que rondam entre seis e oito milhões de kwanzas", adiantou.

Duílio Pedro, ou somente "Link Duílio", como é conhecido profissionalmente, garantiu que depende unicamente dos ganhos dos eventos que produz e tem nas festas temáticas a sua "galinha de ovos de ouro".

Associado a uma cervejeira, numa noite pode realizar mais de um espectáculo. "Infelizmente, a crise veio atrapalhar. Em outros tempos, tínhamos rendimentos elevados e agora registamos baixas de 100 a 70 por cento. Nesta actividade, é fundamental ter criatividade para manter os lucros", aconselhou.

No mesmo pensamento embarca Osvaldo Machado, proprietário da Tur-

bo e Eventos. O profissional introduz um dado novo: "Nas festas que realizo, os ingressos variam de preços mediante as áreas." Por exemplo, define os preços mais baixos para a área "normal", enquanto na área VIP o ingresso tem um custo maior. "Nos eventos que produzo, tem sido tradição criar uma área especial, porque é lá onde ficam as pessoas que querem mais privacidade, atendimento personalizado e que não se importam de pagar um pouco mais", justificou o empresário.

Oswaldo Machado admite, porém, que o mercado está cada vez mais competitivo e os lucros baixaram devido à subida de custos dos serviços. "Principalmente para nós, que temos poucos anos de 'estrada', as dificuldades aumentaram, os lucros baixaram, mas com disciplina e profissionalismo tem dado para aguentar", disse o promotor, que recusou falar de valores e rendimentos. "Prefiro não revelar os nossos valores e os rendimentos para, como se diz na gíria, não espantar a caça", disse o promotor.

"Num evento de pequenas proporções podemos investir dois milhões de kwanzas. Não posso falar numa quantia certa, pois este valor pode subir em função da necessidade. Por outro lado, o rendimento não depende da época do ano, mas da divulgação, boa organização e qualidade de atendimento. Já realizei festas em tempo chuvoso e mesmo com chuva os convidados não paravam de dançar e só abandonaram o local no fim da farrá"



**DUÍLIO PEDRO
PÚBLICO ALVO**

"Dependo unicamente dos ganhos dos eventos. Infelizmente, a crise veio atrapalhar. Em outros tempos, tínhamos rendimentos elevados e agora registamos baixas de 100 a 70 por cento. É fundamental definir uma temática e avaliar o cliente ou público que se pretende"



**FAUSTINO MINGUÊS
NORMAS DE SEGURANÇA**

"Quando somos solicitados, a primeira medida que tomamos é aferir se o local é ou não apropriado, vimos as normas de segurança contra incêndios, se dispõe ou não de extintores e saídas de emergência. O aval só acontece se estiverem reunidas todas as condições exigidas"

INVESTIMENTO E TEMÁTICA

Francisco Pedro, o conhecido "Pai dos K", organiza festas há mais de nove anos. Desde que está no ramo enfrentou muitas dificuldades e só por um triz não desistiu. Com sacrifício e empenho, o promotor lançou a marca "Coreia em Festa", que desde então lidera as farras neste bairro de Luanda.

"Nos meus eventos tenho uma tradição anual, que é a festa sob o lema 'Coreia em Festa', onde procuro variar o tema e inovar na decoração e nos artistas convidados", disse.

Duílio Pedro, por seu turno, refere que em cada evento reúne entre 1.200 e 1.500 pessoas. Chegou a ter 15 mil pessoas num espectáculo musical. "Num evento de pequenas proporções podemos investir dois milhões de kwanzas. Não posso falar numa quantia certa, pois este valor pode subir em função da necessidade", referiu.

O promotor disse que o rendimento não depende da época do ano mas da divulgação, boa organização e qualidade de atendimento. "Já realizei festas em tempo chuvoso e rezava para não chover, mas mesmo com chuva os convidados não paravam de dançar e só abandonaram o local no fim da farra", lembrou.

REQUISITOS DE SEGURANÇA

A segurança deve estar salvaguardada na realização de qualquer evento. No caso da Link Duílio Produções, a produtora solicita o apoio da Polícia Nacional, dos Serviço de Protecção Civil e Bombeiros, do Instituto Nacional de Emergência Médica de Angola (INEMA) e de seguradoras privados.

"Antes da realização de qualquer evento, solicito licença do Ministério da Cultura. Depois, contacto os Serviços de Protecção Civil e Bombeiros para verificarem as condições do local e, de seguida, peço o apoio da Polícia Nacional para a manutenção da ordem e tranquilidade", frisou.

Duílio Pedro afirmou que, em alguns casos, depois de emitir a autorização, o Ministério da Cultura encaminha directamente o pedido à Polícia Nacional e aos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros, órgãos capacitados para avaliar as condições do local do evento.

Oswaldo Machado, por sua vez, embora não goze de boa saúde financeira, garantiu que nunca realizou e nem lhe passa pela cabeça efectuar um evento num espaço inadequado, até porque estaria à margem da lei e a colocar vidas em risco. "Nas nossas festas ou espectáculos procuramos proporcionar as melhores condições aos convidados. Em caso de um eventual acidente estamos preparados", garantiu.

Francisco Pedro entende que, quando devidamente legalizado, o profissional tem a vida facilitada. "Quando temos licença emitida pela administração do local onde vai decorrer o evento, o documento é encaminhado para as instituições que velam pela segurança no seu todo", disse.

Conhecedor do ramo de actividade, no qual tem tido sucesso há relativamente quatro anos, Francisco Pedro diz não ser admissível que um produtor de eventos, que reúna mais de mil pessoas num recinto fechado, por exemplo, não acautele as condições de segurança.

FALTA DE EXTINTORES E SOBRELOTAÇÃO

O porta-voz do Serviço de Protecção Civil e Bombeiros de Luanda, Faustino Minguês, apontou a falta de extintores e a sobrelotação dos espaços como principais fragilidades que a corporação detecta no acto de inspecção dos recintos escolhidos para a realização de eventos culturais.

"Quando solicitados, a primeira medida que tomamos é aferir se o local é ou não apropriado, vemos as normas de segurança contra incêndios, se dispõe ou não de extintores e saídas de emergência", disse. O aval é concedido se estiverem reunidas todas as condições exigidas.

Faustino Minguês aconselha os organizadores a tomarem medidas de prevenção, uma vez que os acidentes podem acontecer e nada melhor que estar preparado para agir se houver necessidade.

"Os locais para festejos, sejam eles fechados ou abertos, têm de ter em conta as medidas de segurança, como as saídas de emergência e extintores", insistiu.

O QUE DIZ A LEI

O decreto presidencial n.º 111/11 estabelece que os espectáculos e festas não podem ser realizados sem licença e o visto prévio da Direcção Provincial da Cultura. Se o local não for adequado para a realização de um evento de grande ou médio porte deve passar por uma vistoria do Governo da Província.

Caso haja desrespeito pelas condições técnicas e de segurança, a organização do evento é notificada para proceder às alterações necessárias, em prazo a fixar pela entidade competente, sob pena de ser cancelado, conforme certifica a Lei 80/06, de 30 de Julho, no artigo 14.

Conforme a lei regula no artigo 35, o promotor de eventos tem a obrigação de solicitar, sempre que for necessário para a manutenção da ordem pública, a presença dos efectivos da Polícia Nacional no local da actividade.



PREVENÇÃO Na realização de um evento as saídas de emergência devem estar sempre acauteladas



FESTEJO O sucesso de um promotor depende muito da ampla divulgação e boa organização



DEFINIÇÃO DO LOCAL E DATA

COM 20 ANOS de actividade e um vasto currículo na produção de eventos culturais, Daniel Mendes entende ser fundamental fazer uma planificação daquilo que se quer oferecer ao público ou cliente. A definição do local e a data são aspectos fundamentais. "No caso concreto de um festival de música, temos de ver a disponibilidade dos artistas, ver a agenda de trabalho deles para os podermos contratar. Depois disso temos de acertar todos os porme-

nore, a nível de espaços e datas a confirmar e fazer o marketing da festival e comunicamos com base naquele público que definimos como meta", esclareceu. Daniel Mendes, que recentemente produziu o "Festival de Zouk", destacou a boa parceria que mantém com instituições similares dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). "Luanda dispõe de um mercado apetecível para quem tenciona enveredar pela produção de eventos." disse. **MM**

ANUNCIE NAS NOSSAS PUBLICAÇÕES



SEDE:

Edições Novembro, E.P.
 Rua Rainha Ginga, 12-26 Caixa Postal 1312 Luanda Telefone (PBX): +244 222 036578 | +244 222 036579 |
 Móvel 949 770006 Telegramas: Proangola
 www.edicoesnovembro.co.ao

PUBLICIDADE

Telefones: 926 406 929 / 925 134 301 / 923 409 613, e-mail: publicidade@jornaldeangola.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 8H ÀS 18H
 SÁBADO, DOMINGO E FERIADOS: DAS 9H ÀS 14H



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa



**“ROBERTINHO”
MÚSICO NEGA
ENVOLVIMENTO**

“Fui contactado no aeroporto de Guarrulos, Brasil, por um cidadão angolano que pediu para transportar a sua mala. Estou a ser crucificado publicamente, com base em rumores e boatos. Não tenho nenhum envolvimento com o tráfico de drogas”.



**DAVID MENDES
MEDIDA ALIVIADORA**

“Tendo em conta que o processo já passou da sua fase de instrução preparatória e não há por parte do Robertinho qualquer indício que possa perturbar a instrução do processo ou abandonar o país. Consideramos não haver razões para se manter as medidas cautelares gravosas”.

TRÁFICO DE DROGAS

EDIÇÕES NOVEMBRO

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O advogado de Robertinho, David Mendes, confirmou que o músico abandonou a cadeia de São Paulo e aguarda o desenrolar do processo em casa.

O advogado esclareceu que depois de terem requerido ao Ministério Público para alterar a medida carcerária aplicado ao músico, o Ministério Público decidiu outorgar prisão domiciliar a Robertinho, não descartando a hipótese de apresentação ao Ministério Público de um outro pedido para conversão dos termos de identidade e residência.

“Tendo em conta que o processo já passou da sua fase de instrução preparatória e não há por parte do Robertinho qualquer indício que possa perturbar a instrução do processo ou abandonar o país, consideramos não haver razões para se manter as medidas cautelares gravosas”, afirmou.

Por isso, explicou, foi aliviada a medida cautelar de prisão carcerária para domiciliar e esperamos que nos próximos dias tudo se altere.

“Vamos aguardar que o tribunal depois confirme, pois estamos muito esperançosos que o Robertinho seja ilibado da acusação”, concluiu.

A luz da Lei/25 de 18 de Setembro, sobre medidas cautelares em processo penal, Robertinho está proibido de sair da sua residência até julgamento que, até a hora em que riscávamos estas linhas, não havia uma data indicativa para que o mesmo ocorra.

Robertinho, continua a negar o seu envolvimento no caso, num processo que se espera, venha ainda a fazer correr muita tinta.

“Estou a ser crucificado publicamente, com base em rumores e boatos. Não tenho nenhum envolvimento com o tráfico de drogas”, disse o artista por altura da sua detenção.

Segundo relatos da imprensa nacional, Robertinho alega que foi contactado no aeroporto de Guarrulos, cidade de São Paulo (Brasil), por um cidadão angolano que o pediu para transportar a sua pasta.

Dois dos supostos proprietários da pasta que continha a droga apreendida continuam a aguardar pelo julgamento em liberdade, sob medida de termo de identidade e residência, o que os obriga à apresentação permanente junto do Serviço de Investigação Criminal(SIC).

O caso remonta de Novembro de 2017, data em que Robertinho regressava de uma actividade cultural no Brasil, fazendo-se acompanhar de duas malas, uma das quais com nove quilogramas de cocaína, supostamente entregue por um desconhecido no aeroporto de S.Paulo. Mas a sua detenção aconteceu apenas em Maio deste ano, no aeroporto internacional 4 de Feve-

Robertinho em prisão domiciliar

O músico Fernando Lucas da Silva “Robertinho” encontra-se, desde terça-feira passada, a cumprir prisão domiciliária. Robertinho esteve detido, desde Maio passado, na prisão de São Paulo, em Luanda, por suposto envolvimento em tráfico de drogas. De acordo com o seu advogado, David Mendes, tratou-se de uma medida de coação de prisão domiciliar

reiro. O artista, foi detido pelo Serviço de Investigação Criminal (SIC), quando pretendia regressar para o Rio de Janeiro, no cumprimento de um mandato de detenção expedido pelo Ministério Público.

MOVIMENTOS LIMITADOS

O director do gabinete de comunicação e imagem da Procuradoria-Geral da República (PGR), Álvaro João, esclareceu ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, que as limitações em termo de movimentos, que existe na prisão domiciliar, são aquelas que ocorrem da própria lei das medidas cautelares em processo penal.

Álvaro João elucidou que essas medidas menos gravosas da prisão preventiva obrigam a manter o arguido em prisão domiciliar, para não existirem motivos de fuga, atrapalhamento da instrução do processo ou a continuidade da actividade criminal.

O magistrado público explicou que a prisão domiciliar deve estar circunscrita a dependência do detido, sublinhando que o preso está proibido de se deslocar fora da sua residência. “Neste caso para o melhor con-

trolo fica vigiado”, adiantou. O surgimento dos presumíveis donos das malas, continuou, não iliba o músico da suspeita do crime e esclareceu que caso seja comprovado que os indivíduos em causa são os proprietários das malas e Robertinho não tem qualquer participação no delito, este pode ser ilibado. “Mas se for provado o seu envolvimento arrisca-se a ser

condenado”. Em relação ao tempo que o músico deve aguardar até ao julgamento, esclareceu que tudo tem a ver com indícios de provas recolhido durante a reconstituição do processo. “Se o Ministério Público ou os juízes decidiram manter Robertinho em prisão domiciliar é porque no processo a indícios suficientes à manutenção da sua situação carcerária”, realçou.

PERFIL

Natural de Malanje, Robertinho começou a cantar aos 18 anos, no bairro Marçal, em Luanda, integrando o grupo Ébanos, como vocalista e compositor.

Atingiu o ponto mais alto da sua carreira na década de 80 e 91, com a publicação do seu disco de estreia, “Joana”. Com um palmarés com várias músicas de sucesso no país, “Joana Mukua di Fuba” foi dos temas que o guindou como um dos músicos mais solicitados na altura.

Música como “Saudade de voltar à Cuba”, gravada em 1978, pode ser encontrado no seu primeiro single.

O seu mais recente disco intitulado “Kakinhento”, encontra-se no mercado desde Novembro de 2016.



AGRESSOR DE JAY OLIVER É CONDENADO

O agressor do músico Jay Oliver, Tuisana Bernardo Kiala “Malone” foi condenado, na passada segunda-feira, dia 24, pelo Tribunal Provincial de Luanda, há 18 meses de prisão, com penas suspensa de dois anos, convertida em multa de 880 mil kwanzas, a serem pagos em três meses.

O caso ocorreu em Julho de 2017, quando o músico procurava indagar sobre os seus pertences que, supostamente, haviam sido roubados. Em resposta, Tuisana Kiala agrediu violentamente a sua vítima, quebrando-lhe os dentes. A agressão, causou hemorragia e hematomas graves no rosto e em outras partes do corpo de Jay Oliver.

Apesar de aceitar a sentença, o músico mostrou-se descontente com o desfecho. Para Jay Oliver, o acto de agressão a que foi alvo mereceria uma pena maior. “Estou triste com a decisão do tribunal. Houve muita flexibilidade, apesar da atitude maldosa do agressor. Tive custos elevadíssimos com o tratamento no exterior”, lamentou.

VENTOS DO SUL

JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

O Jornal que aborda o dia-a-dia das Províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango.

Propriedade da



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa



centrooptico[®]
Você nunca viu nada assim

Oferta
CONSULTA
DE
OPTOMETRIA

NA
COMPRA DE
ARMAÇÃO
+ LENTES

* Campanha válida até 31 Outubro.
Consulte as condições dentro da loja.

📞 923 400 300
f /centroopticoangola

VENHA VISITAR-NOS NAS NOSSAS LOJAS:

ZÉ PIRÃO | GOLFE 2 | SAMBA | AEROPORTO | NOVA VIDA | VIANA | CACUACO | GAMEK | MUTAMBA | ZANGO

✉ geral@centroopticoangola.com ⓘ www.centroopticoangola.com

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464

JOÃO VIGÁRIO O KUDURO TRARIA UMA UMA MAIOR ACEITAÇÃO

João acredita que se o kuduro fosse o género musical que mais estivesse em cartaz no centro, certamente a aceitação e assiduidade seria bem diferente. Entretanto, não está nos planos da Onarte começar com a produção de espectáculos de kuduro.



ZANGO GALERY EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

O Zango das Artes abrirá em Dezembro a sua Zango Galery. A sala terá como finalidade acolher exposições de artes plásticas e certames desta área. Pretende, igualmente, usar uma área do seu espaço para conceber a biblioteca, que João Vigário prevê ser um "trunfo" devido à escola Puniv que está a escassos metros do centro.



Breves



CENTRO BRASIL-ANGOLA SHOW DO TRIO LENI STERN

Sábado, 06 de Outubro, às 20h, no Centro Cultural Brasil-Angola, o trio Leni Stern levará os amantes da boa música a viajarem numa mistura de Jazz, Blues e Rock, com tonalidades e ritmos da África do Oeste. Leni Stern, a líder que dá nome ao trio, já tem mais de 25 anos de carreira e ganhou vários prémios como guitarrista, cantora e compositora. O trio inclui dois conceituados músicos do Senegal, respectivamente Mamadou Ba (que toca baixo) e Alioune Faye (percussão/voz). Organizado pela Alliance Française de Luanda e a Poola M'Boombu, este evento terá entrada gratuita.



MEMORIAL A.A. NETO EXPOSIÇÃO "MUSEKE"

Mumpasi Meso e Ricardo Kapuka inauguram no dia 5, próxima sexta-feira, às 18h, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, a exposição "Mu Seke". Mumpasi Meso iniciou-se nas artes plásticas em tenra idade, influenciado pelo pai. Já Ricardo Kapuka fez, de 1998 a 2002, parte do Colectivo de Artistas Plásticos de Almada "IMARGEM".

PROJECTO "CANDEEIRO" TEATRO NA MEDIATECA ZÉ DÚ

O projecto teatral "Candeeiro" leva quatro grupos a exibirem-se no auditório da Mediateca Zé Dú, no Cazenga. A amostra abre no dia 6, sábado, às 19h, com a peça "Helena", do grupo de teatro Vela. No dia 7, é exibida a peça "Entre Quatro Paredes" do grupo Etu Tweza Teatro. Dia 13, o grupo Kusassa Mavu Teatro apresenta o "Homem dos Sonhos". A 14 de Outubro, é exibida a peça "O Espírito do Meu Marido", do grupo Conjuntura de Artes.

CULTURA NO ZANGO 3



"O centro está aqui e é de todos"

Matadi Makola
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O Centro Cultural de Viana, situado no Zango 3, foi inaugurado a 29 de Agosto de 2008 por Francisca do Espírito Santo, à época governadora da província de Luanda. Nos últimos 10 anos de existência conheceu problemas de conservação.

Porém, em finais de Julho deste ano, a produtora Onarte assumiu a reabilitação e, consequentemente, a gestão, agregando-lhe a denominação de Zango das Artes, "porque Viana é um município muito grande e o centro, por si só, se perdia no contexto. A solução imediata foi circunscrevê-lo ao Zango", justificou ao Luanda, Jornal Metropolitano João Vigário, membro da direcção.

Segundo João Vigário, a direcção começou por delinear um projecto que englobasse as zonas circunvizinhas, sem excluir agentes culturais de outros pontos da cidade capital. "A ideia era que o centro fosse uma mais-valia para todos, mas principalmente para os que moram próximo, sen-

do estes os privilegiados. Os outros, não habitantes de Viana, têm as portas do centro abertas e também podem oferecer sugestões", explicou.

Contudo, estabelecendo uma comparação com outras instituições culturais com objectivos semelhantes, lamentou que a maioria dos habitantes do Zango 3 ignore a existência do centro.

No sentido de entender as razões desse "desapego" e procurar respostas, a Onarte percebeu que, entre outros motivos, a sinalética leva os moradores a confundirem o espaço com um loja de registo, agência bancária, ou algo do género.

"As pessoas pensam: Isso é uma instituição pública. Deve ter muitas regras, muita burocracia ou só os convidados podem lá estar", explicou João Vigário. Uma das medidas tomadas para mudar essa percepção foi a colocação de um cartaz de fácil leitura, que leva os moradores a concluir que "o centro está aqui e é de todos".

KUDURO PODE SER A SOLUÇÃO

No entender de João Vigário, sen-

do o Zango 3 semelhante a outros bairros da capital, muitos moradores, principalmente os jovens, são adeptos do kuduro. "As outras manifestações culturais ficaram para um grupo muito cotado da nossa capital, ao contrário do kuduro, que 'contaminou' principalmente a franja juvenil", acentuou.

João Vigário acredita que se o kuduro estivesse em cartaz no centro, a frequência seria bem diferente. Entretanto, não está nos planos da Onarte, pelo menos nesta fase inicial da sua gestão cultural, começar com a produção de espectáculos deste género musical. "Não temos nada contra o kuduro, mas precisamos de ter primeiro algum tempo e preparação, para que depois o kuduro apareça como deve ser, sendo que mais do que música, é um movimento que precisa de ser bem tratado", justificou.

Por outro lado, segundo João Vigário, o público do Zango das Artes tem a oportunidade de absorver outras propostas culturais que antes não havia. Neste momento, está em curso uma programação que inclui gran-

des vozes do Semba e de outros géneros do mosaico musical angolano. "Por exemplo, teremos os Kiezos no dia 6 de Outubro e o Gabriel Tchiema no dia 27", revelou.

A Onarte pretende ter pelo menos dois espectáculos mensais de música com grandes artistas angolanos, quatro peças teatrais por mês e espectáculos de música Gospel em cada fim-de-semana.

"A música Gospel tem conquistado o seu espaço. Hoje é das músicas mais consumidas e não é só por crentes ferrenhos", frisou.

Brevemente, o Zango das Artes abrirá em Dezembro a sua Zango Galery, sala que irá acolher exposições de artes plásticas e outros eventos culturais. Pretende, igualmente, usar uma área do espaço para criar uma biblioteca, que João Vigário prevê ser um "trunfo" devido à escola do Puniv que está a escassos metros.

Os espectáculos acontecem no anfiteatro, com capacidade para pouco mais de duzentos espectadores sentados e apetrechado com dois camarins. Possui uma sala de visita, uma sala de ensaio e um hall de exposição e actuação com instrumentos tradicionais da música angolana.

LUANDA

O JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL



Um título independente



A vida da província de Luanda com muito mais conteúdo e dinamismo...

PROPRIEDADE



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

fmca 2018
FEIRA DOS MUNICÍPIOS E CIDADES DE ANGOLA
21-24 NOVEMBRO
BENGUELA • ESTÁDIO NACIONAL DE OMBAKA

INSCRIÇÕES ABERTAS
"A VIDA FAZ-SE NOS MUNICÍPIOS"
PROVÍNCIAS • MUNICÍPIOS • MINISTÉRIOS
REPRESENTAÇÕES EMPRESARIAIS

EM SIMULTÂNEO
FÓRUM DOS MUNICÍPIOS E CIDADES DE ANGOLA
22-23 NOVEMBRO
BENGUELA • ESTÁDIO NACIONAL DE OMBAKA

Tel.+(244) 929 378 261 | 932 020 970 | 921 385 528
geral@fmca.co.ao

www.fmca.co.ao
www.mat.gov.ao



CLASSIFICADOS
Tudo o que procuras está aqui!

ENCONTRE AQUI O QUE PROCURA!



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

PUBLICIDADE:
925 134 301 - 912 206 159 - 923 409 613
publicidade@jornaldeangola.com

www.jornaldeangola.co.ao/classificados



JUSCELINE DA SILVA REPARA NAVIOS DEBAIXO DE ÁGUA

O destino fez-lhe mergulhadora. Na água, repara cascos e hélices de navios. Também cumpre outras tarefas que lhe são incumbidas pelos superiores hierárquicos. Actualmente, a nível nacional, Jusceline é a única mulher profissional de mergulho.



DESAFIOS APOIO DOS COLEGAS

"As pilhas da lanterna descarregaram e ficámos numa escuridão absoluta. Na altura fazia a minha formação. Quase que entrei em pânico, mas os colegas tranquilizaram-me. No fim, fomos resgatados por um colega da Marinha de Guerra." confessa Jusceline.

A VIDA POR UM FIO

DOMINGOS CADÊNCIA E OUTRAS | EDIÇÕES NOVEMBRO



Comprometidos com a profissão e fascinados pelo perigo de vida

César, Jusceline, André, Djanir e Angelina vivem aventuras no ar e no mar

Rosalina Mateta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Diz-se que todas as profissões têm os seus benefícios e malefícios. Mas, com certeza, haverá ofícios em que os seus executores estão muito mais expostos a factores negativos, ao ponto de se admitir que as suas vidas estejam permanentemente em risco. É o caso dos navegantes aéreos, pára-quedistas e mergulhadores.

César Balbúrdia, antigo pára-quedista das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), teve efectivamente a vida em risco durante seis anos. Aos 17 anos, por insistência sua, ingressou na Força Aé-

rea Popular de Angola-Defesa Anti-Aérea (FAPA/DAA). Nove meses depois de uma formação teórica, enfrentou a primeira prova de "fogo". Saltou de pára-quedas em Outubro de 1984. "Não tive medo. Mas saltei na inocência. Depois senti que era uma coisa gostosa", garante.

O primeiro salto representou a concretização de um sonho de criança. "Sempre quis ser pára-quedista. Eu morava ao pé da FAPA/DAA e via os pára-quedistas e sonhava poder saltar um dia", assegura.

O cinquentão guarda as memórias do jovem entusiasta que há 34 anos decidiu-se pelo pára-quedismo, mesmo com a desaprovação da mãe que era trabalhadora civil da FAPA/DAA.

Entre a perseguição de um sonho e

o cumprimento do dever militar, César Balbúrdia conseguiu ter a vida marcada por histórias hilariantes e trágicas. Num dos seus saltos, programado para pousar na Cidadela Desportiva, ficou preso num poste eléctrico no interior do recinto. "Na altura, esta imagem foi muito divulgada. A TPA ainda terá. Também tive uma avaria no pára-quedas que, ao invés de eu andar para a frente, andava para trás. Foi num salto muito perigoso por ser aqui na cidade. Se não tivesse experiência espatifava-me num dos prédios altos. Consegui controlar e aterrei ali, no Largo das Escolas", recorda.

Noutros momentos, César Balbúrdia viu companheiros seus morrerem. "Os pára-quedas do John e da Andreza não abriram. Também perdi dois co-

Nem as mortes, nem os percalços fizeram-no pensar em desistir. César Balbúrdia exerceu a sua profissão por apenas seis anos, mas de maneira muito intensa. Fez três saltos automáticos e inúmeros em queda livre. Desempenhou tarefas em Luanda e Lubango, sede da província da Huíla, como pára-quedista. Esteve em destacamentos no Luena, capital da província do Moxico. Operou nos aviões Antonov-26 e em helicópteros e esteve no meio de fogo cruzado. "Mas tive sorte, nunca fui atingido. Mas muitos colegas ficaram (morreram) nos helicópteros e Antonov-26", recorda. Nessas ocasiões, cumpria missões de busca, salvamento e resgate.



CÉSAR BALBÚRDIA TRISTES MEMÓRIAS

“Os pára-queidas do John e da Andreza não abriram. Também perdi dois colegas no mar. Fazíamos preparação para a reabertura da Cidadela Desportiva, em Dezembro de 1985, e caímos no mar, na Ilha. Eu fui resgatado a tempo, mas eles não. Desapareceram, até hoje”, lamenta.



ANDRÉ FERNANDO O MERGULHADOR PRECISA DE FORMAÇÃO

O maior perigo de um mergulhador é ficar sem oxigénio a uma profundidade de 15 metros. Por isso, André Fernando, alerta que os riscos mais frequentes são a narcose, barotrauma pulmonar, dental, facial, auditivo, hipo-termia e hiper-termia. Para evitar “é necessário que o mergulhador tenha formação e conheça as regras”.



BALBÚRDIA Antigo paraquedista

legas no mar. Fazíamos preparação para a reabertura da Cidadela Desportiva, em Dezembro de 1985, e caímos no mar, na Ilha. Eu fui resgatado a tempo, mas eles não. Desapareceram, até hoje”, lamenta.

Nem as mortes, nem os percalços fizeram-no pensar em desistir. César Balbúrdia exerceu a sua profissão por apenas seis anos, mas de maneira muito intensa. Fez três saltos automáticos e inúmeros em queda livre. Desempenhou tarefas em Luanda e Lubango, sede da província da Huíla, como pára-queidista. Esteve em destacamentos no Luena, capital da província do Moxico. Operou nos aviões Antonov-26 e em helicópteros e esteve no meio de fogo cruzado. “Mas tive sorte, nunca fui atingido. Mas muitos colegas ficaram (morreram) nos helicópteros e Antenov-26”, recorda. Nessas ocasiões, cumpria missões de busca, salvamento e resgate.

Em 2004, o pára-queidismo deixou de constar das actividades da Força Aérea Nacional. “Alguns foram encaminhados para as Tropas Especiais, em Cabo Ledo. Aqui, [em Luanda] o pára-queidismo praticamente não existe”, lamenta. Esta realidade entristece este antigo combatente desmobilizado e apaixonado pelo pára-queidismo.

Para sobreviver e sustentar a família, César Balbúrdia virou-se para o ramo da construção civil como empreiteiro, mas o que lhe daria mesmo gozo era trabalhar como instrutor de pára-queidismo. Por isso, gostava que este segmento renascesse, “nem que fosse como uma modalidade de recreio, porque há gente com muita vontade de saltar”. O filho de 11 anos quer muito fazer um salto de pára-queidas com o pai. “No pára-queidismo, pode-se saltar independentemente da idade, basta coragem”, garante.

Para já, César Balbúrdia, que tem mais dois irmãos pára-queidistas, está disponível para formar todos aque-

les que desejam ter a sensação de estar à “deriva” entre o céu e a terra.

APAIXONADA PELA PROFISSÃO

Djanir Chitamba é hospedeira e sabe que a opção de vida que fez expõe-na a risco constante, sempre que é escalada para viajar em serviço. Passados 11 anos, já não sente calafrios, nem medo de estar no ar, como aconteceu na sua primeira viagem, mas não perde a noção que o risco no seu trabalho é constante. A turbulência de mais de uma hora, num voo internacional, fez-lhe ganhar maior consciência dos perigos decorrentes da profissão. “O avião abanava bastante. Houve desmaios, mas nada de tão sério como partos a bordo ou até mortes”, recorda.

Pensava-se que ficar mais tempo no ar do que em terra era, naturalmente, para os pássaros. Mas humanos como Djanir Chitamba também podem contabilizar muitas horas de voo. A profissão exige que assim seja.

Nestes anos em que se aventurou nos ares, a bordo dos aviões da TAAG, a companhia aérea angolana de bandeira, a hospedeira vem abdicando do prazer de estar com a família e o desejo de fazer outras coisas em terra. Sem muitas opções, encara as viagens com satisfação e profissionalismo e não deixa de enumerar o que mais gosta. “Adoro o facto de todos os dias trabalhar com colegas e passageiros. Também adoro o facto de hoje estar em Lisboa, amanhã no Rio de Janeiro e de trabalhar por turnos”, confessa.

Como há turbulência tanto em terra como no ar, Djanir Chitamba detesta acordar de madrugada. Apesar de voar há muitos anos, ainda não se acostumou à rotina madrugadora e também sente dificuldade em lidar com passageiros de carácter difícil. “Não é tarefa fácil. Mas temos sempre a obrigação de satisfazer ao máximo todos os passageiros. Este é o lado negativo de ter passageiros diferentes”, explica.

Casada e mãe de dois filhos, um menino e uma menina, Djanir Chitamba tem uma vida atípica, quando comparada a mães e esposas que trabalham em terra, mas não descura as obrigações familiares, que estão na sua lista de prioridades. Mas pelos “ossos” do ofício muitas vezes é o marido que procura fazer a sua vez. “Nas minhas ausências, ele preenche o meu papel de mãe na perfeição”, diz satisfeita, apesar de reconhecer que os filhos sentem muita a sua falta. “Como não sentir, se começo a voar logo que eles completam seis meses... vão-se acostumando, mas muitas vezes choram quando saio para voar”, lamenta.

Desde que iniciou a carreira profissional, gaba-se de não se ter desentendido com o marido por causa do trabalho e das ausências de casa. “Nunca tivemos uma briga por causa do que faço. É um marido nota 100 e um pai nota 1.000”, garante.

Quanto à profissão que abraçou por acaso, Djanir Chitamba garante que mesmo não tendo sonhado com ela, “agarrou” a oportunidade que lhe foi dada, depois de ter passado no teste de admissão. “Fui sem muita esperança nem interesse, porque na altura nem sequer procurava por emprego... hoje não me vejo a fazer outra coisa. Sou apaixonada pela minha profissão”, confessa.

MERGULHAR PROFISSIONAIS

Jusceline, André e Angelina escolheram a água como ambiente de trabalho. São mergulhadores da Polícia Fiscal Marítimo. Jusceline Natacha da Silva “aventura-se” nas profundezas do mar há quatro anos. Desde criança que pratica natação e sempre acalentou o sonho de se tornar uma salva-vidas.

Mas o destino fez-lhe mergulhadora. Na água, repara cascos e hélices de navios. Também cumpre outras tarefas que lhe são incumbidas pelos superiores hierárquicos.

Actualmente, a nível nacional, Jusceline é a única mulher profissional de mergulho. Gosta do que faz, mas sabe que exerce uma profissão de risco. Por isso, é cuidadosa e metódica. Também compreende a opinião dos pais, que não ficaram felizes com a sua escolha.

Jusceline considera que o maior perigo de um mergulhador é ficar sem oxigénio a uma profundidade de 15 metros. Por isso, recomenda muita atenção na preparação do equipamento.

Outro mergulhador, André Fernando, alerta que os riscos mais frequentes são a narcose, barotrauma pulmonar, dental, facial, auditivo, hipo-termia e hiper-termia.

Para evitar algumas destas ocorrências, “é necessário que o mergulhador tenha formação e conheça as regras”. “Há condições a ter em conta antes de mergulhar”, adverte. “Deve-se evitar o consumo de álcool, ter boa robustez física, capacidade de raciocínio e bons reflexos”, explica.

O sub-chefe da secção de Exploração Subaquática sabe do que fala. Experiências boas e más não lhe faltam em quase oito anos de profissão. Num mergulho, apareceu de rompante um navio de longo curso que deixou André Fernando e companheiros numa escuridão total. “Guiámo-nos por uma lanterna. Estávamos a uma distância considerável”, recordou. O mergulhador também já assistiu à morte de um colega e o acidente de um navio.

Angelina Moisés está em fase de formação. Na condição de estagiária, ainda não viveu momentos dramáticos. Porém, mantém a certeza de ver um sonho realizado: Ser mergulhadora profissional, apesar dos riscos da profissão, que espera contornar.

Já Jusceline, mais experiente, continua a perseguir a perfeição. Mãe e esposa de pequena estatura, tem uma coragem invejável. Conhece o lado bom e o mau do dia-a-dia de um mergulhador. “Tive uma entorse no fundo do mar, porque, por minha negligência, não fiscalizei o equipamento”, recorda.

Mas a situação mais aflitiva aconteceu no Ambriz, durante um mergulho nocturno. “As pilhas da lanterna descarregaram e ficámos numa escuridão absoluta. Na altura fazia a minha formação. Quase que entrei em pânico, mas os colegas tranquilizaram-me. No fim, fomos resgatados por um colega da Marinha de Guerra. Naquele momento pensei em desistir”, confessa Jusceline.

Mas, tanto André Fernando quanto as duas companheiras de ofício não têm arrependimento pela profissão que escolheram. A cada mergulho, alimentam o “bichinho” que está dentro deles. “O mergulho é feito com o coração”, justifica Jusceline.



PAIXÃO Jusceline Natacha da Silva “aventura-se” nas profundezas do mar há quatro anos

TESTE

Desafio

1 - A **palanca-negra** é uma espécie de palanca nativa da África oriental e austral. Possui uma pelagem entre castanha e negra, com excepção do focinho e da barriga, que são brancos. Também já foi conhecida como palave. A que família pertence?

- A- Rhinocerotidae
- B- Accipitridae
- C- Bovidae
- D- Mysticeti

2- Os órgãos do **sistema digestivo** são responsáveis pela absorção dos nutrientes que consumimos, auxiliando em todo processo de digestão, de modo que, o que não é aproveitado possa ser descartado pelo organismo. Marque com um **X** os órgãos que o constituem.

- A- Intestinos
- B- Brônquios
- C- Esófago
- D- Traqueia
- E- Faringe
- F- Laringe
- G- Estômago
- H- Pulmões
- I- Fígado

3- As Comunas são o terceiro nível de unidades administrativas de pois dos municípios. **Viana** é uma delas. Quantos quilómetros quadrados tem?

- A- 2 354 km²
- B- 3 645 km²
- C- 1 344 km²
- D- 5 359 km²
- E- 9 847 km²
- F- 8 316 km²
- G- 1 567 km²

RESPOSTAS

35- ANIL. 37- FALA. 39- RIR. 41- ENE. 42- PC. 44- AR. 26- MANUAL. 27- OLEOSO. 30- PARRA. 32- KETAS. 15- POMPA. 17- NADAR. 19- OESTE. 21- III. 23- ARO. 6- MATALA. 7- ODE. 8- REMAR. 9- AGENDA. 10- LA.

1- JA. 2- ALGA. 3- MATA. 4- BUG. 5- AMOR.

Verticais

45- CLARO. 46- LESAR. 38- URRRO. 40- NETA. 42- PARIS. 43- INALA. 29- PAPILA. 31- OK. 33- ANA. 34- ERA. 36- EFE. 20- AI. 22- ALARDE. 24- MM. 26- IODAR. 28- AS. 13- GAGO. 14- TEME. 15- PAL. 16- RNA. 18- ANO.

1- JAMBA. 6- MORAL. 11- ALBUM. 12- ADEGA.

Horizontais

Palavras Cruzadas

1- 2- A- Intestinos; C- Esófago; E- Faringe; G- Estômago; I- Fígado.

1- C- Bovidae; 1- C- 1 344 km².

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



Jovens do Prenda tocam há 50 anos

Os Jovens do Prenda é um grupo-orquestra, surgido em 1968 no bairro do Prenda em Luanda e foi um dos primeiros grupos angolanos a ter reconhecimento internacional. O conjunto Jovens do Prenda surge inicialmente com a designação Jovens do Catambor, passando ainda nesse mesmo ano a chamar-se Jovens da Maianga e finalmente, em 1969, passa a ter a designação actual. O nome foi sugerido por Man-Guxi, um empresário do Sambizanga que era proprietário do Salão Braguês e alugava aparelhagens. Disse-lhes: "o certo é denominar o grupo com o nome do bairro de onde são provenientes". Daí o nome Jovens

do Prenda, já que o grupo era originário deste histórico bairro de Luanda. O grupo já possuía um leque impressionante de músicos, onde se destacava nomes como Manuelito Maventa (viola solo), Zeca Kaquarta (tambor), Napoleão (pwita) e Juca (dikanza). Zé Kenno, o guitarrista emblemático, entrou para o grupo vindo do Sembas. Com a sua chegada, fica completa, em 1969, a primeira formação dos Jovens do Prenda, cuja composição era: Zé Kenno (viola solo), Zé Gama (baixo), Luís Neto (voz), Kangongo (tambor baixo) e Chico Montenegro (tambor solo). Um dos aspectos que caracterizava o grupo era a peculiaridade do seu andamento rítmico.

Com uma sonoridade exclusiva, obtida pela fusão de ritmos locais com forte influência de um importante músico que fez história na música popular do Congo Democrático, o guitarrista Dr. Nicó. Passaram pelo grupo grandes guitarristas que acentuaram o seu som, como Mingo, Alfredo Henrique, Diogo Sebastião e Quintino, o último ainda em vida. O grupo com 50 anos de existência tem sofrido muitas cisões e abandonos, levando a que Luís Neto, um dos elementos do grupo, afirmasse: "as pessoas nascem e crescem e cada um vai para onde mais lhe agrada. Os Jovens do Prenda não são só música, é uma verdadeira escola..."

Palavras Cruzadas

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11					12				
	13				14				
15				16	17		18		19
		20	21		22		23		
24	25		26	27				28	
29		30				31	32		
33			34		35		36	37	
	38		39		40	41			
42					43				44
45					46				

Horizontais

1- Um dos treze municípios da província da Huíla. 6- Ética. 11- Compilação de trechos escolhidos de música. 12- Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. 13- Que ou aquele que gagueja, tartamudo. 14- Tem medo de. 15- Progenitor. 16- Rádio Nacional de Angola. 18- Espaço de 12 meses. 20- Suspiro. 22- Aparato. 24- Milímetro (abreviatura). 26- Misturar com iodo. 28- Elas. 29- Pequena protuberância que existe nas membranas mucosas, na pele, etc. 31- Sigla de oil korrekt. 33- Nome feminino. 34- Época. 36- Nome da letra F. 38- Bramido de certas feras. 40- Filha de filha ou filho. 42- Capital da França. 43- Cheira. 45- Que se percebe bem. 46- Prejudicar.

Verticais

1- Agora. 2- Planta criptogâmica aquática. 3- Ultrapassagem na estrada. 4- Funcionalidade de aplicações ou de peças de hardware, não desejada e não intencional, que provoca um mau funcionamento. 5- Forte afeição. 6- Um dos treze municípios da província da Huíla. 7- Poema lírico. 8- Manobrar os remos. 9- Livro para anotação do compromissos ou tarefas em determinados dias. 10- Los Angeles (abreviatura). 15- Aparato sumptuoso. 17- Deslocar-se na água, movendo os braços e as pernas. 19- Lado do horizonte onde o Sol desaparece. 21- O número três em numeração romana. 23- Argola. 25- Feito à mão. 27- Que tem óleo. 30- Folha de videira. 32- Músicas. 35- Matéria corante azul de origem vegetal. 37- Diz. 39- Assumir expressão alegre. 41- Nome da letra N. 42- Computador Pessoal. 44- Atmosfera.

Cinema

CINEMAX /Kilamba

Semana: 28/09 a 04/10

• Título: **Golpe Final***
 • Género: Acção
 • Sala (VIP)
 • Sessões: 13h50/16h10/ 18h30
 20h50/ 23h10



• Título: **Sexta-Feira Mwangolé**
 • Género: Ficção Científica (sala 1)
 • Sessão: 13h00/14h40 (filme esquebra)

• Título: **The Nun: Freira Maldita** (sala 1)
 • Género: Terror*
 • Sessões: 16h20/ 18h40
 21h00 /23h20

• Título: **Nada a Perder** (sala 2)
 • Género: Biografia (sala 2)
 • Sessões: 12h40/15h30/ 18h20

• Título: **O Predador*** (sala 2)
 • Género: Acção, Terror
 • Sessões: 21h10/23h30

• Título: **A Turma da Noite*** (sala 3)
 • Género: Comédia (sala 3)
 • Sessões: 13h10/15h40/ 18h10
 20h40/23h10



• Título: **Mile 22*** (sala 4)
 • Género: Acção
 • Sessões: 13h30/15h50
 18h00/20h10/ 22h20

• Título: **Uma Aventura do Outro Mundo VP**
 • Género: Animação (sala 5)
 • Sessão: 13h00/ 15h00/
 17h00/ 19h00



• Título: **Meg: Tubarão Gigante***
 • Género: Terror (sala 5)
 • Sessão: 21h00/ 23h30

*(Apenas dias 28 e 29)

**HOCHI FU
CUSTO DE PRODUÇÃO ORÇADO
EM 15 MILHÕES DE KWANZAS**

“O filme é uma comédia ‘bem à maneira do angolano’, até na forma de vestir, e foi rodado apenas em Luanda, porque as condições não permitiram mais, visto que não tivemos resposta positiva da parte dos mecenas aos quais solicitamos patrocínio”.

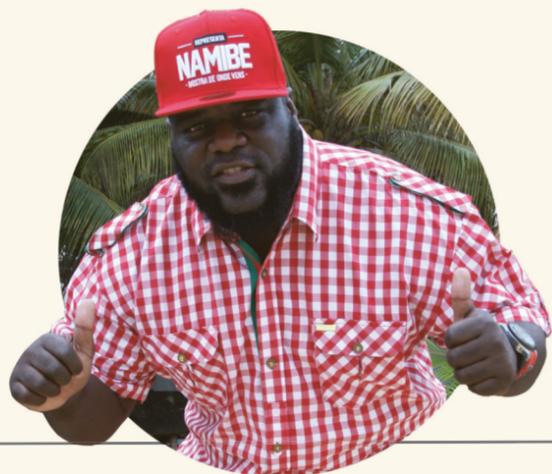


**ELENCO DE ACTORES
K PINHA, THE TWINS E
NAMANHONGA**

“Sexta-feira Mwangolé” tem no elenco cinco actores angolanos. Sob uma trilha sonora totalmente angolana, que envolve artistas como a rapper K Pinha, The Twins, Namanhonga e outros menos conhecidos, começa ao som de uma música interpretada por um segurança da zona portuária de Luanda, natural da província do Uíge.



“SEXTA-FEIRA MWANGOLÉ”



Hochi Fu estreia-se no cinema com longa-metragem



“Sexta-Feira Mwangolé” é o título do filme com o qual Hochi Fu se estreia na longa-metragem, até agora conhecido pelo sucesso que obteve na produção de vídeo cliques. Com uma duração de aproximadamente 60 minutos, o filme foi apresentado ao público na segunda quinzena de Setembro, estando em exibição em várias salas de cinema de Luanda.

Sobre o teor do filme, Hochi Fu disse ao *Luanda, Jornal Metropolitano* que é uma comédia de costumes que provoca risadas do princípio ao fim. “É como quando chega a sexta-feira e procuramos diversão que vai dos óbitos às discotecas, à procura de quem morreu ou não. Não é uma apologia à controversa sexta-feira do homem, que lhe confere a enganosa posição de mais esperto”, resumiu. Sobre esta questão que pode levar as pessoas a associarem o título à costumeira “sexta-feira do homem”, o realizador adiantou que o filme contém um episódio onde aborda abertamente o assunto.

Hochi Fu descreveu a história de um indivíduo que pensa que a sexta-feira é do homem e este tem direito a ir à farra com outras mulheres, abandonando a esposa em casa. Entretanto, a esposa também estava à espera de um homem que a levasse a uma “sexta-feira do homem”. Casualmente, ambos se encontram “na noite”. Porém, o produtor garante que o filme não se esgota por aí, tendo cenas hilariantes sobre os diversos momentos em família.

O realizador explica que o filme como uma comédia “bem à maneira do angolano”, até na forma de vestir, e foi rodado apenas em Luanda, porque as condições não permitiram mais, visto que Hochi Fu não teve resposta positiva da parte dos mecenas aos quais solicitou patrocínio, tendo que gastar o dinheiro da sua poupança.

“O gozo vem agora, ao ver o trabalho feito. Se ficasse apenas à espera dos patrocinadores, com certeza o filme ainda não sairia”, desabafou. A produção fi-

cou por cerca de 15 milhões de kwanzas.

Hochi Fu estava consciente que a realização de um filme para mostrar a realidade angolana não podia ser confiada a estrangeiros, a exemplo do que aconteceu com grandes produções de novelas e filmes, e até mesmo pequenos trabalhos de publicidade.

“As pessoas não entendem que isso tira o ‘molho’ angolano à produção. Os actores podem ser nossos, mas falam, comem, vivem e movimentam-se numa lógica ‘tipo’ estrangeiro”, explicou.

Por essa razão, o realizador decidiu formar a sua equipa para garantir originalidade e, deste modo, evitar associações a imitações brasileiras ou norte-americanas.

Embora “Sexta-Feira Mwangolé” tenha “roubado” a Hochi Fu mais tempo do que os seis meses previstos de rodagem, o realizador considera que o tempo gasto compensou. “Se quisesse tudo rápido e não me importasse com o padrão, talvez fosse mais fácil ir buscar técnicos lá fora. Mas dessa forma o risco de fazer uma coisa incharacterística era muito grande”, justificou.

O filme tem no elenco cinco actores angolanos. Sob uma trilha sonora totalmente angolana, que envolve artistas como a rapper K Pinha, The Twins, Namanhonga e outros menos conhecidos.

O filme começa ao som de uma música interpretada por um segurança da zona portuária de Luanda, natural da província do Uíge. “Gostei muito. Tinha sabor da terra”, explicou o realizador, ao justificar a escolha.

MATADI MAKOLA

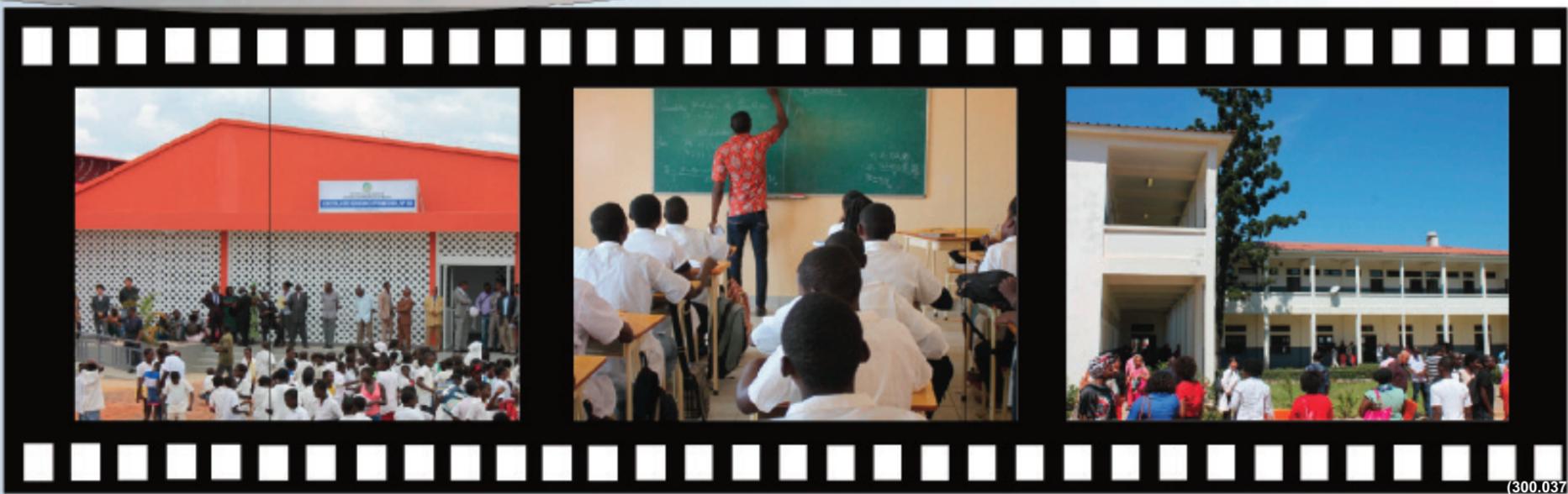


GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Construção de mais escolas e formação de professores contribui na melhoria da qualidade do ensino.



**Educação,
o caminho seguro
para um crescimento
e desenvolvimento sustentável**



SEJA UM BOM CIDADÃO MANTER A CIDADE LIMPA É FIXE

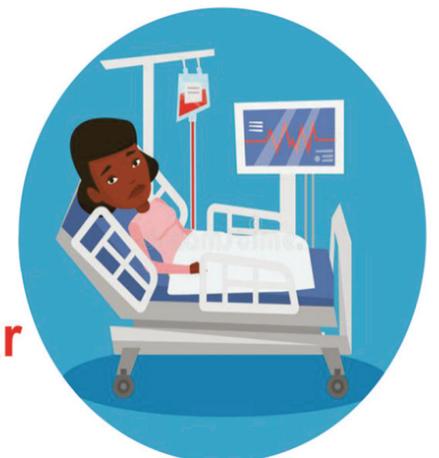
Não atire papéis, latas, garrafas, plásticos e outros objectos para o chão nem os deite fora pela janela das viaturas.



Deite o lixo sempre num contentor, dentro de um saco fechado.



O lixo que não é colocado no local correcto pode contribuir para disseminar muitas doenças, como paludismo, febre tifóide e diarreia



CONTRIBUA PARA FAZER DE LUANDA UM LUGAR MELHOR PARA SE VIVER.





FRANCISCO RIBEIRO “PROIBIÇÃO DE ÁLCOOL”

“Sempre que vou ao estádio, enfrento confusão à entrada. É triste, mas há adeptos que entram no estádio já embriagados ou com bebida e acabam por fazer confusão. A Federação Angolana de Futebol tem a obrigação de exigir mais dos clubes. O reforço do policiamento e qualidade no atendimento é prioritário”.



KING SIMÃO “CONFUSÕES À SAÍDA”

“Tenho observado que as confusões acontecem mais à saída do estádio. Durante a entrada, nem por isso. Por outro lado, quando termina o jogo, os agentes da Polícia dificilmente fiscalizam a saída dos adeptos. Penso que deve existir maior colaboração entre as empresas especializadas no ramo de segurança e a Polícia Nacional”.

SEGURANÇA NOS ESTÁDIOS

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Desorganização origina tragédia

O incidente que tirou a vida a cinco adeptos e feriu outros sete no Estádio 11 de Novembro, no final do jogo entre o clube angolano 1.º de Agosto e o TP Mazembe da República Democrática do Congo, que contou para 1.ª mão dos quartos-de-final da Liga dos Campeões Africanos de Futebol, trouxe novamente a debate a questão da segurança e organização dos jogos. Em comunicado, o Ministério da Juventude e Desportos refere que o “fatídico incidente” ocorreu quando os adeptos aban-

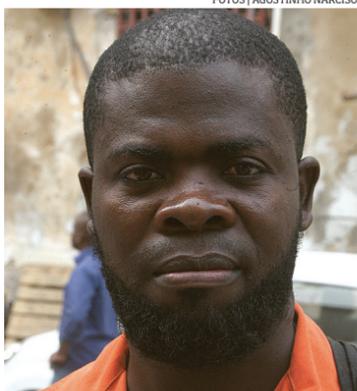
donavam o recinto à pressa, criando “desorientação” já fora da zona de vedação do estádio, tendo na sequência aberto um inquérito para averiguar as circunstâncias do incidente. O órgão que tutela o desporto no país salientou que, entre as vítimas mortais estão duas crianças de 10 e 12 anos e que três dos mortos pertencem à mesma família. Segundo alguns órgãos de comunicação social, no dia do jogo, o Estádio 11 de Novembro registou uma enchente considerável, lotando quase a ca-

pacidade de 50 mil espectadores. Porém, alguns agentes desportivos alegaram que a organização do jogo não acautelou a enchente que se previa. Infelizmente, não se trata de um caso isolado no futebol, em Angola. Está viva na memória dos angolanos, sobretudo dos amantes do futebol, a tragédia ocorrida há mais de um ano e seis meses no Estádio Municipal 4 de Janeiro, na província do Uíge, no jogo de estreia da equipa do Santa Rita de Cássia contra o Recreativo do Libolo, referente à

primeira jornada do Girabola Zap 2017. Centenas de pessoas invadiram um dos portões do estádio. Na sequência deste acto, 17 pessoas morreram e 61 ficaram feridas. Para os entrevistados do Luanda, Jornal Metropolitano, a segurança dentro e fora dos estádios é precária. Entendem, por isso, que é urgente criar medidas adequadas para o conforto e o bem-estar de todos. A organização, segundo avaliam, deve incidir dentro e fora do recinto de jogos.

ARCÂNGELA RODRIGUES

FOTOS | AGOSTINHO NARCISO



Jacinto Cassule
“Falta de organização”

“A segurança nos estádios é péssima. Tenho assistido vários jogos e é muito triste o que ocorre. Os homens da portaria tratam mal os adeptos e são desorganizados. O incidente ocorrido no 11 de Novembro é resultado dessa desorganização.”



Vanilson Gerónimo
“Incompetência da organização”

“Peço à FAF para reflectir sobre a melhoria do sistema de segurança e áreas de evacuação nos estádios. Quanto à tragédia no Estádio 11 de Novembro, houve incompetência da organização do jogo. O recinto estava lotado e deviam abrir todos os portões.”



João Chorão
“Venda antecipada de bilhetes”

“Os bilhetes devem ser vendidos com muita antecedência e reforçar o sistema de transporte para se evitar tais tragédias. A segurança deve ser feita dentro e fora dos estádios pela Polícia de Ordem Pública e pelos seguranças privados.”



Manuel Simão
“Reforço da segurança”

“Muitos adeptos não cumprem as orientações de segurança e o controlo à entrada apresenta muitas lacunas. É preciso melhorar a organização, principalmente quando são jogos entre equipas que ‘arrastam’ multidões aos estádios.”



Manuel da Costa
“Avaliação contínua”

“As pessoas que assumem a responsabilidade de organizar os jogos devem ser avaliadas continuamente, pois o Mundo está em constante desenvolvimento. As empresas de segurança, em muitos casos, seleccionam pessoas sem preparação.”



YURI SIMÃO
ERROS DE ORGANIZAÇÃO

“O que aconteceu naquele estádio é um crime. É doloroso para quem trabalha para o desporto ver aquele recinto na condição que se encontra. Têm existido grandes erros na organização dos jogos, mas houve mais no encontro do 1º de Agosto com o TP Mazembe. Foi feita muita publicidade para que as pessoas fossem ver o espectáculo do futebol”.



DOMINGOS BETICO
ACÇÃO CÍVEL

“As famílias enlutadas podem intentar de facto uma acção cível contra a organização daquele evento desportivo por não ter criado as condições adequadas para que aquele facto danoso não ocorresse. O ponto de partida está exposto no artigo 499 do Código Civil angolano”.

ESTÁDIO 11 DE NOVEMBRO

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Risco iminente de morte permanece à espreita



SEGURANÇA O jogo referente à primeira “mão” dos quartos-de-final da Liga dos Clubes Campeões Africanos antevia casa cheia e carecia de cuidado redobrado por parte da organização

Os familiares das vítimas do incidente ocorrido no final do jogo de futebol entre as equipas do 1º de Agosto e do TP Mazembe da República Democrática do Congo, referente à primeira “mão” dos quartos-de-final da Liga dos Clubes Campeões de África, podem responsabilizar o Clube 1º de Agosto se ficar comprovado ter havido negligência na organização das entradas e saídas do estádio. Um inquérito está em curso para apurar responsabilidades

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Decorridos quinze dias do incidente que resultou na morte de cinco pessoas por asfixia, três das quais membros da mesma família, duas com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos, o risco iminente de morte permanece à espreita no Estádio 11 de Novembro. A dimensão e a forma como foram privatizados e retalhados para obras os espaços na parte exterior do estádio, sem o conhecimento do então director da infraestrutura, à época, Miguel Xisto, pode ter sido o prenúncio da tragédia que feriu outros sete adeptos no final do jogo de futebol que opôs as equipas do 1º de Agosto e TP Mazembe. O encontro referente à primeira “mão” dos quartos-de-final da Liga dos Clubes Campeões de África antevia casa cheia e, portanto, carecia de cuidado redobrado.

Em meados de Março, após várias denúncias, a ministra da Juventude e Desportos, Ana Paula Sacramento, encabeçou uma delegação interministe-

rial que visitou o recinto e garantiu que “as coisas não devem continuar conforme estão”. “Em causa, estão vidas humanas e, em primeira instância, devemos velar por elas”, acrescentou.

No final da visita, a ministra anunciou a criação de uma comissão para avaliar os projectos inicialmente previstos para os espaços privatizados, bem como os serviços de apoio para os frequentadores do estádio, de modo a tomar medidas necessárias, sem desvirtuar o projecto. Decorridos seis meses, pouco ou nada se sabe do trabalho desenvolvido por esta comissão.

Segundo especialistas na matéria, o Estádio 11 de Novembro não pode continuar “circundado” e deve ter entradas e saídas conforme as recomendações da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e da Confederação Afri-

cana de Futebol (CAF). Sobre o assunto, em declarações à imprensa, o agente FIFA Yuri Simão lamentou que “o Estádio 11 de Novembro perdeu as suas zonas de evacuação” e sublinhou que, naquele dia, não houve controlo no acesso nem limite de entradas.

“O que aconteceu naquele estádio é um crime. É doloroso para quem trabalha para o desporto ver aquele recinto na condição que se encontra. Têm existido grandes erros na organização dos jogos, mas houve mais no encontro do 1º de Agosto com o TP Mazembe. Foi feita muita publicidade para que as pessoas fossem ver o espectáculo do futebol”, disse Yuri Simão, que alertou a Comissão da Juventude e Desportos da Assembleia Nacional para propor legislação sobre a organização de eventos desportivos.

RESPONSABILIZAÇÃO E INDEMNIZAÇÃO

Para o jurista Domingos Betico, se eventualmente ficar provado que houve negligência por parte da entidade organizadora do jogo, como muito se comenta, em relação às entradas e saídas do estádio, os familiares das vítimas podem efectivamente responsabilizar o Clube 1º de Agosto pelos danos causados.

“As famílias enlutadas podem de facto intentar uma acção cível contra a organização daquele evento desportivo por não ter criado as condições adequadas para que aquele facto danoso não ocorresse”, disse, justificando como ponto de partida o exposto no artigo 499 do Código Civil angolano.

Domingos Betico precisou que a lei não estabelece um valor exacto de in-

demnização. Esclareceu, no entanto, que ela orienta que se deve atender a capacidade económica de quem deve indemnizar o lesado e o seu grau de culpabilidade na acção delituosa.

Além de lamentar as mortes, o jurista lembrou que o Estado angolano respeita e protege a vida.

“Penso que deve haver um diploma legal que legisle sobre a organização de eventos desportivos, um documento que visa claramente acautelar determinadas situações que infelizmente têm ocorrido, para se poder responsabilizar, quer clara e objectivamente, os adeptos ou espectadores e os organizadores, nos casos de incumprimentos”, sugeriu.

O risco iminente de morte permanece à espreita no Estádio 11 de Novembro, onde cinco pessoas morreram por asfixia.



Era fundamental levar as pessoas a acreditar na própria sustentabilidade do projecto. São famílias que viviam em extrema pobreza e o projecto permitiu dar outro rumo às suas vidas

BIBIANA DE ALMEIDA

Mentora do projecto "Força de Vontade"

**MUNICÍPIO DE VIANA
CRIME ORGANIZADO**

O administrador municipal de Viana, André Soma, revelou que a ocupação ilegal de terrenos no município que dirige atingiu contornos de máfia e crime organizado, dado o envolvimento de pessoas de vários escalões sociais, que utilizam esquemas refinados para ludibriar a população.



COMBATE À FUGA AO FISCO

NIF coincide com Bilhete de Identidade

A legislação angolana apresenta quatro tipos de contribuintes identificados em função do respectivo Número de Identificação Fiscal (NIF) atribuído pela Administração Geral Tributária (AGT).

ONÚMERO DO Bilhete de Identidade dos cidadãos angolanos passa, a partir de hoje, a coincidir com o Número de Identificação Fiscal (NIF), uma medida aprovada pelo Executivo e que visa combater a fraude fiscal.

Em comunicado distribuído à imprensa, a AGT refere que, com a reorganização dos dados, cuja conversão será feita automaticamente, é dado um passo importante no combate à evasão fiscal no país, onde até agora uma pessoa singular podia usufruir de vários números fiscais de contribuinte.

A 17 de Julho de 2017, ainda sob a Presidência de José Eduardo dos Santos, o Executivo aprovou um novo regime jurídico para o NIF, de forma a corresponder aos desafios do alargamento da base tributária e à necessidade de modernizar o registo dos contribuintes e assegurar o tratamento da informação fiscal.

Com a conversão automática, a entrada em funcionamento do novo NIF permitirá fazer coincidir o número do Bilhete de Identidade para os cidadãos nacionais e para os estrangeiros com cartão de residente.

Deixam de existir os NIF do "tipo 1" (para pessoas singulares), "tipo 2" (para as pessoas que exercem actividade económica), "tipo 5" (para empresas sujeitas ao imposto industrial) e "tipo 7" (para entidades isentas do imposto industrial).

O director do Departamento de Cadastro e Arrecadação da AGT, Shinya Jordão, disse que a implementação do processo decorre entre os meses de Outubro e Dezembro para os contribuintes que têm os NIF do "tipo 1" e "tipo 2". A partir de Janeiro de 2019, entra em vigor a segunda fase, com a atribuição do NIF às empresas.

Shinya Jordão referiu que o novo sistema vai apresentar uma "economia de esforço muito grande", além de ajudar a AGT a efectuar previsões "mais realistas" sobre a arrecadação de receitas.

A AGT tem registados cerca de cinco milhões de contribuintes, número que ficará reduzido quando estiver concluída a uniformização dos NIF. "Não significará que a actividade económica diminui. Diminui, sim, o número de contribuintes face à atribuição do novo NIF", explicou Shinya Jordão.

Resenha da Semana

**DISTRITO DO ZANGO
ENTREGA DE CASAS
GERA POLÊMICA**

Setenta e duas famílias que viviam em situação de risco, na chamada Ilha Seca, no Zango 3, município de Viana, começaram a ser realojadas, na semana passada, para o projecto Kangamba, no Zango 4, num processo de distribuição que está a ser contestado pelos antigos ocupantes, por falta de transparência.

A coordenadora da Comissão de Moradores da Ilha Seca, Catarina Francisco, apontou algumas irregularidades, alegando que a lista apresentada, na altura em que foi feito o cadastramento no ano passado, continha 126 famílias, mas apenas 72 foram contempladas no processo.

"O processo de realojamento não está a cumprir com o acordo feito anteriormente. Esperávamos ser mais respeitados e tratados com dignidade, porque, apesar de termos vivido em casas de chapa, não merecemos ser tratados desta forma. Temos aqui pessoas idosas e algumas com deficiência física" disse Catarina Francisco.

**MUNICÍPIO DO CAZENGA
APROVIMEL SENSIBILIZA
VENDEDORES INFORMAIS**

A Associação Provincial dos Vendedores dos Mercados de Luanda (APROVIMEL) realizou, na semana passada, um amplo trabalho de mobilização e sensibilização para acabar com a venda em locais impróprios no município do Cazenga.

A presidente interina da associação, Joana Lucas, afirmou que foi traçado um plano de acção para trabalhar com a direcção provincial do comércio no sentido de retirar as pessoas das ruas. Joana Lucas informou que as administrações devem reforçar o trabalho de sensibilização, numa primeira fase, para depois, de forma coerciva, acabar com as vendas desordenadas.

"A venda deve ser exercida nos mercados e nos locais indicados pelas autoridades", lembrou.

**HOSPITAL DOS CAJUEIROS
FAMÍLIA INTERNADA
POR CONSUMIR MILHO**

Uma criança de três anos de idade morreu e outras sete pessoas, algumas da mesma família, foram internadas, na semana passada, no Hospital Geral dos Cajueiros, município do Cazenga, em Luanda, depois de terem consumido milho torrado que se presume estar envenenado.

A supervisora em serviço no Hospital Geral dos Cajueiros, Maria Semedo, em declarações à Angop, disse que as vítimas deram entrada no banco de urgência com sintomas de diarreias e vômitos.

"Por volta das 15 horas, comemos milho torrado e de repente começamos a reclamar de dores de barriga e vômitos, recorremos ao hospital e o mais novo não resistiu, acabando por falecer", explicou Delfina Francisco, mãe da vítima mortal.

O Hospital dos Cajueiros é uma unidade sanitária de referência do II nível, tem capacidade de internamento de 230 camas. É dotado de áreas como medicina, pediatria, banco de urgência, cirurgia, ortopedia, RX, hemoterapia, bloco operatório, ecografia, farmácia e estomatologia.

Por fim...

**DOMINGOS
DOS SANTOS**
Editor



**A SOLUÇÃO CRIOU
UM PROBLEMA**

A construção de passadeiras pedonais em várias ruas e avenidas de Luanda para melhorar a circulação rodoviária deixou automobilistas e peões felizes, pois a medida era uma solução para a redução do número de atropelamentos e engarrafamentos.

A avenida Deolinda Rodrigues, também conhecida como estrada de Catete, foi uma das contempladas. Infelizmente, a solução encontrada com a construção dessas estruturas para minimizar os constrangimentos na circulação rodoviária virou um problema para os automobilistas. Quem conduz pela avenida Deolinda Rodrigues já deve ter notado que os taxistas informais, vulgo candongueiros, transformaram as áreas pedonais em locais onde deixam e levam passageiros, criando sérios problemas ao trânsito.

A famosa "ponte amarela", à entrada da vila de Viana, as áreas pedonais defronte do Comando Municipal da Polícia Nacional em Viana, da Comarca de Viana, do "Alimenta Angola", da Estalagem, da Moagem e do Grafanil Bar são os principais pontos de estrangulamento do trânsito na avenida Deolinda Rodrigues, no sentido Viana/Largo da Independência. Em todos esses locais, os candongueiros param de forma desordenada, criam duas filas para deixar e levar passageiros. As pessoas, mesmos com as passagens pedonais aí ao lado, persistem em atravessar em locais impróprios, correndo o risco de serem atropeladas.

Os agentes da Polícia Nacional assistem impávidos a essa anarquia dos candongueiros e dos peões. Os agentes reguladores de trânsito, quando estão presentes nesses locais, pouco ou nada fazem para disciplinar os referidos condutores, que conduzem e param de qualquer jeito na via, criando transtornos aos outros automobilistas. Os agentes da Polícia estão mais preocupados em correr atrás dos vendedores ambulantes, quando deviam também educar e até mesmo obrigar os peões a atravessarem as passadeiras pedonais. Os casos que ocorrem em Viana e no Grafanil Bar são mais graves, porque acontecem mesmo defronte de dois comandos da Polícia Nacional. Muitas vezes fica-se com a impressão de que as nossas instituições e as pessoas que lá trabalham, desconhecem o seu real papel. Só assim podemos entender o descaso da Polícia Nacional com os constrangimentos registados no trânsito da avenida Deolinda Rodrigues, uma via com largura suficiente e asfalto com condições para uma circulação rodoviária mais fluida.



IMPOSTO Reforma inclui a modernização do cadastro dos contribuintes